This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437959 9

BIBLIOTHECA MORÉ

THEOPHILO BRAGA

TEMPESTADES SONORAS

SEGUNDA SÉRIE

DA

VISÃO DOS TEMPOS

PORTO

EM CASA DA VIUVA MORÉ—EDITORA

PRAÇA DE D. PEDRO

A mesma em Coimbra, rua da Calçada.

Casa de Commissões em Paris, 2bis, rua d'Arcole.

1864.

J. W. Hawes;
from Philadelphia
Exhibition, Portuguese
Received March,

TEMPESTADES SONORAS

OBRAS DO AUCTOR

FOLHAS VERDES

Poesia lyrica. Ponta Delgada, 1859. Um volume.

VISÃO DOS TEMPOS

ANTIGUIDADE HOMERICA — HARPA DE ISRAEL — ROSA MYSTICA — Porto, 1864. . . . Um volume.

No prélo

POESIA DO DIREITO

ENSAIO DE GENERALISAÇÃO DA SYMBOLICA DO DIREITO UNIVERSAL — ORIGENS POETICAS DO DIREITO PORTUGUEZ, PROCURADAS NO VELHO SYMBOLISMO JURIDICO DA ALLEMANHA E DA FRANÇA.

Um Volume.

TEMPESTADES SONORAS

POR

THEOPHILO BRAGA

SEGUNDA SERIE

DA

VISÃO DOS TEMPOS

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ—EDITORA,

PRAÇA DE D. PEDRO

A mesma em Coimbra, rua da Calçada. | Casa de Commissões em Paris 2bis, rua d'Arcole.

1864.

494116

PORTO: 1864.—Typographia Commercial,
rua de Bellomonte n.° 19.

A

MINHA IRMÃ

Como o aroma rescende na magnolia,
Minha alma vai na strophe impaciente:
Não se separa a toáda da harpa eólia,
O murmurio da languida corrente.

T. B.

PARTE ESTHETICA

SOBRE A EVOLUÇÃO DA POESIA DETERMINADA PELAS RELAÇÕES ENTRE O SENTIMENTO E A FÓRMA.

A POESIA toda está na imagem e no sentimento. O sentimento para revelar-se, procura na imagem uma fórma, uma caracteristica que se aproxime d'elle, a que mais o póde tornar comprehensivel no mundo exterior. A imagem é, por sua natureza, material, contingente, limitada; como conter n'ella o sentimento infinito, eterno? A superficie d'um lago não reflecte a luz brilhante e incoercivel que baixa do alto? Do predominio da imagem ou do sentimento nascem todas as fórmas lyricas. Quando a fórma e o sentimento se harmonisam de modo, que não apparece uma caracteristica que faça melhor sentir a sua extensão, a arte

n'este accordo inspira uma suavidade que encanta, tem uma verdade, que é o natural, uma alegria, que é a voluptuosidade.

Eis o que é a *arte classica*, principalmente a poesia grega. A creação que mais prova este facto é a estatuaria, e a strophe lasciva. Em toda a poesia antiga existe a voluptuosidade, mas distingue-se por caracteres differentes. Nos *gazhals* apaixonados dos *divans* da Persia, sobre tudo no de Hafez, se as formulas religiosas dos Sophis as não viessem interpretrar, as elevações da alma que aspira ao seio da divindade, mudar-se-hiam no quadro da orgia desenvolta, na embriaguez vertiginosa do lyrismo oriental. Tambem nos poetas hebreus o canto erotico é um véo, uma allegoria do sentido mystico.

Só a Grecia, o templo do bello objectivo, descobre a sensualidade na fórma, delira, idealisa-a. O artista apaixona-se pela sua creação. *Tentatum mollescit ebur*. Este mytho profundo contém a verdade toda da arte grega, o enlace que o genio de Héllade soube adivinhar, pressentir, realisar entre o sentimento e a fórma, o real e o ideal completando-se. A Grecia não teve velhice, como diz o genio admiravel de João Paulo, por isso a sua poesia respira a graça, a frescura da infancia; o artista perde a individualidade na obra, conhece que a imagem lhe traduz a plenitude do sentimento. É d'onde provém a serenidade. Toda a individualidade é egoista; a falta d'ella no artista evita

os caprichos da imaginação, como os grandes contrastes, leva-o a procurar a generalidade na imagem sanctificada pelo sentimento de todos. N'um povo patriarchal os factos da lavoura, n'um povo heroico o broquel, a lança, symbolisam uma ordem de sentimentos, que, para communical-os, o artista não luta com as contingencias da fórma.[1]

Mais voluptuosa que todas, a poesia romana exagera o culto á Venus impudica, desata-lhe o cinto, procura a inspiração no delirio e tumultuar das paixões, faz-lhe a apotheose, occultando as fórmas n'um cendal transparente para accender mais o desejo, e seduz, prende, fascina, arrebata a imaginação; mas apesar d'essa magia cada nota é como um preludio de indifferença e de tedio. Por isso a poesia romana foi o ecco das saturnaes dissolutas de Suburra, e das gargalhadas obscenas dos Trimalciões, cansados de deleites, aborridos da pompa e do fausto em que desbaratavam as riquezas que iam sangrando das veias do orbe. A poesia era o reflexo da vida, a vida resumia-se no grito de uma plebe infrene—*Panem et Circenses!* A poesia sensualista e vertiginosa fôra retratada no verso de Catullo *Vivamus, mea Lesbia.*

[1] Vid. o que ácerca d'isto dissemos na *Generalisação da historia da poesia*; hoje, como n'este volume procuramos esboçar a poesia romana, que é um reflexo da poesia grega, tentaremos carecterisal-a, determinando por ella a feição da arte classica.

O sentimento doloroso, a expressão languida que transparece no lyrismo romano, são como uma reminiscencia fugitiva da noite da orgia, como um cantar de volupia que um sorriso accende, e uma lagrima extingue. A poesia é a confidente intima de um segredo da vespera, escutado nos braços de Corina, em casa de Delia, de Cynthia, de Lesbia, de Lycore, de Quintilia. Os lyricos romanos não possuiam aquella delicadeza de tacto, uma sensibilidade levissima, para fazer idealisar a blandicia, como os aédos divinos da Grecia. Adivinha-se pela strophe impaciente do poeta um semblante macerado, em que ressumbra uma melancholia sympathica, animada pelo olhar morbido, olhar de quem vê escurecer-se-lhe pouco a pouco o horisonte da vida, olhar que denuncia uma dôr imaginaria, um abandono de si, uma abstração de quem procura atar o fio de um sonho dourado de que tão cedo o despertaram. *Coronemus nos rosis antequam marcessant.* Ahi a poesia é o thalamo, o triclinio, a amphora e a vigilia. A poesia urbana é como um ecco perdido das orgias gregas; ella imita o desvario da musa attica, mas excede-a em liberdade e desenvoltura. Em vão tentaram alguns poetas de rigidez austera, de tempera egual á dos primeiros dias da republica, suffocar a labareda que se ateava em todos os peitos, e entreter por mais tempo o lume do altar de Vesta; mas esses, que faziam a pintura da saturnal para a tornar aborrecivel, retratavam-na com um colorido tal, que o es-

boço do festim dos Gallios arrastava á seducção sem provocar o nôjo. Foi o que succedeu a Juvenal *vexatus toties.*

A raça de Enobarbo proclamava o dogma do desenfreamento no enthusiasmo frenetico do prepassar das amphoras, perfumadas de helléboro, ao murmurio do cécuba, do massico e do phalerno. A voluptuosidade que inspira a poesia romana está resumida n'aquelle verso eterno: *Lassata viris, nec dum satiata recessit.* O amor infantil, divinisado na religião grega, acha um culto novo na poesia, em Alexis, em Maratho. Horacio, para vencer os philtros de Canidia, imita no retiro de Tibur a poesia de Alceu. Catullo amando a filha de Metello Céler, poetisa-lhe o nome de Clodia em Lesbia, a Lesbia do *Pardalsinho,* porque de Lesbos era Sapho que elle tanto imitara. Na poesia lyrica não se conhece o genio romano; vejamol-o na poesia das legendas nacionaes.

A poesia legendar de um povo é a que melhor retrata seus sentimentos e costumes e transformações e lutas e progressos; é o retrato de sua natureza, a intuição de si, uma consciencia tangivel. Pelas legendas homericas conhece-se toda a Grecia primitiva, palpa-se o caracter hellenico; são a sua poesia, a sua voz instinctiva. As legendas romanas, por este lado, mostram tambem no povo *late regem* a falta de uma poesia propria; todas ellas são repassadas do sabor grego. A poesia da arte é artificial, modulan-

do-se pela poesia eólica em Horacio e Catullo; a poesia da natureza, a que não tem fórma artistica, a legenda, é como a planta estiolada, inclina-se para a Grecia, respira-lhe seus perfumes. Romulo é a infancia de todo o heroe, do que alevanta um povo, do que imprime a sua individualidade a uma geração; tal é Moyses e Cyro no Oriente, e Œdipo na legenda cantada na harpa remota pelas bafagens da brisa inebriante vinda da Asia. O genio grego deixa tocar-se no pathetico que ressumbra em toda a epopea dos Tarquinios; as fórmas ricas d'esta creação vestem-se do esplendor da imaginação grega. A aguia que paira sobre a cabeça de Tarquinio Prisco, forasteiro de uma cidade da Etruria, a sua descendencia de uma familia de Coryntho desterrada pela tyrannia de Cypselus, a instituição de jogos, o circo maximo, para a corrida dos cavallos, das quadrigas, para o pugilato, a pompa estrepitosa do seu triumpho no meio da simplicidade romana, tem uma côr sensivelmente estrangeira. Tarquinio soberbo é a personificação dos Tyrannos gregos; elle responde como Periandro, Tyranno de Coryntho, e um da heptarchia dos sabios da Grecia, descendo ao seu jardim e derrubando com o bastão as papoulas que mais se elevam, ensinando assim o melhor meio de submetter Gabios. Titus e Aruns, seus filhos, vão a Delphos, o oraculo responde com um distico ambiguo, como o que levára Cresus á ruina. A ultima evolução da lagenda dos Tarquinios, o combate do lago

Regillo, é como a copia de uma batalha da *Iliada.* [2] Apezar d'estes lampejos do espirito grego, a legenda não perdeu toda a nacionalidade; a figura austera de Lucrecia, o vulto energico de Bruto apparecem, revelando no fundo o caracter romano. N'estes dois typos se contem toda a poesia nacional, a poesia juridica, o symbolo; o primeiro beijo como penhor da realeza, a varinha d'ouro, que hade obter a força das varas do lictor, resumir a auctoridade civil. Lucrecia representa a poesia religiosa, a immobilidade do direito divino, o direito pessoal sacrificado ao direito civil; ella é como uma vestal do hymeneu.

Mas o espirito grego não cessa de colorir as legendas romanas; ainda no periodo republicano, na ultima guerra contra os latinos, em 269, os dois irmãos divinos de Hellena, Castor e Pollux, apparecem no combate á frente da cavallaria romana.

Coriolano é uma imagem do ostracismo grego.

Virginia, a donzella timida e silenciosa, por quem Apio Claudio, o despota do decemvirato se apaixona, se perde de amores, Virginia que desfallece e cáe, como uma flor decepada do caule, sob o ferro do Centurião, que só assim póde subtrahir sua filha ao opprobrio de a vêr reclamada como escrava, não tem similhança alguma com Lucrecia, apesar da coincidencia mysteriosa

[2] Joubert, critica sobre a obra de Lewis *An Inquiry into credibility of Early Roman History.*

de acordar sempre a liberdade de Roma ao suspiro de uma mulher. Lucrecia é o typo da matrona romana, que se perpetua em Clelia, nas virgens que a acompanham, nas damas que se despojam de seus collares para acodirem ás crises difficultosas do estado, e se vestem de lucto espontaneo na morte dos grandes homens, dos salvadores da patria. Virginia é um ideal, é uma creação do artista grego, tem a candura da rôla do sacrificio; ella não descobre, como Lucrecia, a rigidez dos costumes domesticos, sentada entre suas escravas e distribuindo as estrigas ás que fiam em volta d'ella. Virginia é como uma estrangeira em Roma, não lhe reconhecem direitos. O genio grego disvelou-se reproduzindo o ideal da mulher que tanto divinisára; deu-se a conhecer.

Michelet, com um senso historico profundo determina o caracter d'esta legenda. *Virginis venienti in foro, namque ibi ludi erant.* A escriptura, apenas lapidar, era tambem incompativel com a rudeza dos romanos para que a ensinassem a suas filhas; a ama de Virginia, a machadinha que o Centurião toma do cepo do magarefe, funcção que só se usava nas cidades gregas e era preenchida pelos metœques, são tudo costumes da Grecia, e em contradicção com o viver de um povo que começava a erguer-se da barbaridade. [3]

Pela poesia das legendas romanas não se conhece

[3] Hist. de la Républ. Romain. t. I. not.

o caracter d'este povo tão profundamente, como a Grecia se ostenta nas legendas heroicas. É o perfume da flor inculta, confundido com outros aromas rescendentes, que a brisa embalsamada da tarde traz comsigo de longe. O lyrismo, vimol-o, é um ecco de Alceu e Sapho, a poesia pastoril uma toada da frauta de Theocrito, o poema didactico é a formula abstracta da philosophia do sublime Epicuro. A metrificação mesma da poesia romana não é tirada do genio da lingua. A *quantidade* é-lhe transmittida pela poesia grega. O verso saturnino, o mais antigo e classico da poesia latina, pende para a medida syllabica; comtudo a *quantidade*, contraria as mais das vezes á accentuação natural da palavra, é a que prevalece. [4]

Não existe um povo sem poesia, ao menos no seu periodo de infancia, na hora do seu genesis; porque a poesia é o sentimento, o que primeiro se manifesta na vida; a rasão vem mais tarde, quando se não cria, quando se dá fórma ao que a intuição descobriu, quando se attinge o desenvolvimento completo, muitas vezes na decadencia. Qual será pois a poesia puramente romana?

É a poesia do Direito. O mundo moral regula-se

[4] Chassan, *Essai sur la Symbolique du Droit*, XLI, note. — Edelestand du Méril, *Poesies populaires latines du moyen âge*, p. 18. A poesia latina, no seu *ricorsi* para a hymnologia da Egreja, adquire a liberdade da infancia, a sua metrificação é *syllabica*. Vejam-se os hymnos de San Damaso, etc.

por leis tão fataes como as do mundo physico; como para cada região do globo ha uma vegetação propria, assim para cada raça ha uma ideia que ella mais desenvolve, com que se identifica. O Oriente é o berço de todas as religiões; o naturalismo *arya* é o ponto de partida da religião brahmanica, irradia de lá, imprime-se nas religiões da Grecia, de Roma, das Gallias, na religião germanica, na slava.[5] O Occidente possue-se do sentimento do *justo*, Roma é o coração em que elle reside. Ahi o sentimento do *justo* absorve o desenvolvimento do *bello*. A poesia romana está toda na sua jurisprudencia; é a verdade do corollario audacioso de Vico;[6] o rythmo religioso, e por isso immovel, da casuistica judicial transforma-se n'um *poema serio*. A manifestação da poesia do Direito é tricotoma, como todos os factos do espirito em que se imprime a fórma racional:

A multiplicidade dos symbolos, em que o espirito se occulta sob o elemento material, em que a ideia não pode subsistir fóra d'elle;

As formulas cadenciadas e rythmicas, robustecidas pela sublimidade augural e theocratica da velha Etruria, sendo como a des-symbolisação, a força que tende a mobilisal-o;

[5] Alfred Maury. *La religion des Aryas*. p. 10.

[6] Tutto il dritto antiquo romano fu un serioso poema, che si representava da' Romani nel Foro, e l'antica giurisprudenza fu una severa poesia. — Vico, *Scienza nuova*, liv. IX, coroll. ult.

A ascensão do espirito, desprendendo-se do elemento contingente, até alcançar o poder creador da ficção logica, em que a austeridade da lei é reduzida á equidade [7]—eis a face mais profunda da poesia verdadeiramente romana.

Este accôrdo entre o sentimento e a fórma, que define a *arte classica*, manifesta-se tambem no *justo*,—é a *Symbolica do Direito*.[8]

Como a estatua representa a *arte classica* na perfeição das linhas, na graça dos contornos, no espiritualismo da expressão, a *Sphynge* é a *arte symbolica*, a desharmonia entre o sentimento e a fórma, não conciliados pelo genio do Oriente. A imagem na poesia oriental mostra o esforço do espirito absôrto na contemplação do espectaculo de uma natureza fecunda, mas sem poder prescrutar o pensamento d'ella. A contemplação denota o goso de uma comprehensão anterior, segundo a ordem dos factos intellectuaes; mas ás vezes a contemplação nasce de um goso que se sente e não se sabe definir. É a imaginação que alenta a vida contemplativa, ella quer reduzir o absoluto á imagem sensivel, e é este o conflicto entre a ideia e a fórma, é este esforço de conciliação que a lança no remoto, no vago. Assim o principio divino apparece em

[7] Altesserra, *De Fictionibus juris*, passim.

[8] Acha-se desenvolvido no meu livro da *Poesia do Direito*, no prélo.

tudo, e o delirio d'esse amor pantheista é o reflexo da mistura intrincavel e abrupta entre o infinito e o finito na imaginação oriental. A concepção do absoluto não póde ser representada pela arte, por que ella não tem uma fórma abstracta que o determine. Sendo a fórma o meio porque o ideal passa á realidade, não se completa essa passagem, perdendo-se ella na idealidade.

É o lyrismo, todo subjectivo, que póde exprimir o aspirar constante da alma, para o principio divino com o qual não ha unir-se sem aniquillar a consciencia, o sentimento de sua personalidade, de tudo. O pantheismo puro é só revelado pela poesia. O Uno é o foco onde convergem todos os sêres, o que os sustenta como o fio sustenta o collar de perolas; é o vapor na agua, a luz no sol e na lua, o verbo mystico nas sagradas escripturas, no homem a força viril, o doce perfume na terra, o brilho na chamma, a vida em todos os sêres, a contemplação nos solitarios. [9]

É um cantico de inspiração hymnica, oriental, é a ideia no mesmo circulo de imagens, uma enumeração dithyrambica das summas perfeições d'aquelle que é celebrado. N'este estado contemplativo o espirito não opera, gosa da elevação que attingio; é o enthuziasmo frenetico que absorve, paralisa a acção das faculdades. Tambem nos delirios do amor erotico-mystico christão, a Virgem é comparada ao cedro do

[9] Bagavad-Gita. Lect. VIII, 4 seqq.

Libano, ao electuario, ao espelho da justiça, á rosa mystica, á torre de marfim, á porta do céo; no Bagavad-Gita o deus enumera as suas perfeições: sou o auctor da creação e da dissolução do universo, nada ha maior do que eu, e tudo depende de mim, como as perolas do cordão que as detem. Sou o vapor na agua, a invocação nos Vedas, o som no ár, o zelo no zeloso, a semente eterna de toda a natureza, sou a sabedoria do sabio, a força do potente, a gloria do glorioso, nos sêres animados sou o amor da especie, sou o principio, o meio e o fim de todas as cousas. Entre os deuses eu sou Vichnu e o sol entre os demais astros, entre os livros sagrados o livro dos canticos, no corpo sou a alma e na alma a intelligencia.—Na poesia symbolica, o poeta, no extasis contemplativo do mundo, não tem individualidade, a ideia perde-se-lhe no tropel de imagens que accodem á phantasia; não é livre. A poesia quasi que não tem hymnos para celebrar as transformações da natureza, as metamorphoses interminaveis das theogonias orientaes; a imagem não lhe traduz a abstração, o sentimento não sabe determinar-se na multiplicidade das fórmas. Não tem unidade, comtudo é *bella* porque tem o sentimento da natureza; a poesia hebraica é tamsómente *sublime*, porque o sentimento da natureza desapparece deante do sentimento do infinito.

O poeta lucta com a imagem para revelar o sentimento que o possue, cria um symbolismo amoroso,

consome-se no goso e impaciencia do extasis. A poesia do oriente conhece-se por este caracter religioso e pantheista, pelo enlace indefinivel da voluptuosidade e da morte, determinado pela antithese, elemento de toda a symbolica irreflectida. É uma contradicção no sentimento, despertada pela vida das flores; a mesma brisa que lhes traz de longe o pollen que as fecunda, é a quedepois as vem desfolhar no chão. Na symbolica irreflectida a ideia realisa-se mas não chega a determinar-se. O amor mais sensual toma uma expressão divina, a allegoria esconde a imagem lasciva, como o segredo mais recondito da alma.

A escala mystica descoberta pelos ascetas do occidente é a mesma; os poemas orientaes que as enumeram, parecem filhos de uma mesma tradição recolhida por Diniz Areopagita ou S. Boaventura. Os tres caminhos que elevam até Deus, a abnegação da vontade, da actividade, a absorpção, eis a doutrina do Bagavad-Gita. Em a *Nona leitura*, intitulada a *sciencia real*, Krichna, o Deos supremo, occulto no envolucro humano, revela a Adjurna a sciencia mais recondita, unida á sciencia universal, a lei real, o mysterio real, a altissima e mais santa manifestação perceptivel para as intelligencias. São tres os gráos que levam a alma a absorver-se no seio da divindade: o sacrificio completo da sciencia, da rasão. Este primeiro esforço toma na ascese mystica do oriente o nome do *Djnâṇayadjnèna*. Na *Imitação* ressumbra o mesmo pensa-

mento. Ao sacrificio da rasão, segue-se a renuncia completa das obras e de todos os actos humanos, o *sannyasismo*. O ponto a que tende o mysticismo é a identificação da alma em deus, é o extasis e a morte mystica no occidente, é o *yoguismo* na ascese oriental. Vyasa cantou-os no canto divino:

"Sl. 11—Os insensatos despresam-me, revestido de uma forma mortal, ignorando a minha natureza superior, que domina a de todos os sêres.

"12—Estes insensatos confiam-se em vãs esperanças, entregam-se a obras vãs, a vãs sciencias, são privados de intelligencia, e seguem a natureza infernal e perturbadora.

"13—Mas os homens magnanimos, meditando sobre a minha natureza divina, adoram-me em sua alma, sabem que eu sou o principio incorruptivel de todos os sêres.

"14—Elles celebram incessantemente os meus louvores, persistem em suas boas resoluções, honram-me por actos de respeito, e, sempre piedosos, tem por mim uma religiosa veneração.

"15—Pelo sacrificio que elles fazem de sua intelligencia (*djnânayadjnèna*) uns egualmente me honram, porque eu estou em unidade e em especialidade presente em toda a parte.

"26—Qualquer que me offereça em sacrificio uma folha, uma flor, um fructo, agua pura, eu me alimento com esta offerenda, que me é agradavel.

"27—Qualquer cousa que tu faças, ou comas, ou sacrifiques, qualquer cousa que deres, ou que executares por privação, faz tudo em minha honra.

"28—É assim que te has de desembaraçar dos laços das obras, embora os fructos d'ellas sejam bons ou máos, animado das virtudes do *sannyasismo* e do *yoguismo*, e tendo obtido tua emancipação tu virás para o meu seio." [10]

Vyasa, Sankaratcharia são os poetas mystico-especulativos do Oriente. O canto do *Moha-Mudgara* é o hymno da abnegação dos gosos da vida. Como uma gota d'agua, que baloiça sobre uma folha do lotus, a vida humana é menos segura; ter a terra por leito e uma pelle por vestidura, renunciar a todos os laços da familia, e dos conhecimentos, quem não achará prazer n'esta piedosa aversão do mundo? Agora nado, logo amortalhado! Como podes tu, oh homem, viver cá em baixo com prazer? [11]

A poesia da India é tambem a voz dos grandes rios, das florestas sagradas, dos pagodes, gigantes pela audacia do symbolo, é o ecco da natureza, a benção da alegria interior. A poesia da Judéa é o tedio da aspereza do dezerto, a maldição, o grito do desgraçado

[10] Bagavad-Gita, Lect. IX.
[11] Moha-Mudgará—frag.

da terra de Hus. Ambas estas poesias se correspondem, como se vê do genio de Sankaratcharia e de Job. Este chama á podridão sua mãi, ao sepulchro seu pai, e amaldiçôa a hora em que foi gerado. Esta fuga da alma para uma região superior, esta paixão febril do Oriente, recebeu-a o christianismo ao irradiar da Asia por todo o orbe. A poesia oriental idealisa a mulher, não pelo primor das formas, pela *fraqueza*; ella é o symbolo mais puro da natureza inteira. "Não toques uma mulher, commetta ella cem faltas, nem mesmo com uma flor." O typo mais puro que se ha sonhado é o da virgem Sacuntala, do drama de Calidasa. A flor das ribas gangeticas é sua irmã, amam-se, as suas almas identificam-se. Quando abandona para sempre o ermiterio e parte para os braços de Duchmanta seu esposo, doe-lhe como uma haste arrancada em flor do caule virente. Os prados, as fontes, a antilope ligeira entristecem-se na despedida.

A poesia da Persia, caracterisada nas elevações de Hafez e Amrak, tem a mesma paixão vehemente. Á infinitividade do sentimento repugna a exiguidade da fórma; a allegoria, elemento do symbolo, é que os aproxima. Os Sophis criam um vocabulario para reduzirem a uma formula religiosa o sentido anagogico do inspirado. O *vinho* é a devoção, o *somno* é a meditação dos attributos divinos, os *perfumes* as esperanças, os *zephiros* a inspiração da graça, os *beijos* e *abraços* os transportes da alma piedosa, as *tranças* são a ir-

radiação da gloria divina, os *labios* os mysterios occultos da essencia do creador, o *buço* designa os espiritos celestes que rodeam o throno de Deus. [12]

Na poesia romantica, em que o sentimento se não contém na fórma, e por assim dizer trasborda, ha tambem a allegoria, como uma apparencia do symbolo. Dante na canção VII faz assim reviver o amor intellectual de Platão. A *belleza* e a *virtude*, representam o bello visivel e o bello supremo, o amor natural e o amor intellectual. A *philosophia* é a dama cheia de doçura, gloriosa; o *amor* é o estudo, etc.

Para o vidente da Persia um atomo do mundo physico, o mais despresivel, desperta-lhe uma sensação voluptuosa, precipita-lhe a imaginação na immensidade do absoluto. Languesce na embriaguez, no torpor dos sentidos, tudo para elle é uma imagem, o symbolo do sentimento, que se concentra cada vez mais no intimo d'alma. A rosa que veceja na collina, a gota do orvalho que vem refrescar-lhe o calix, a nuvem que passa, um som que se perde, tudo parece viver, palpitar, sentir na sua strophe erotico-mystica. Arde na chamma intensa do seu amor, aniquila-o a vehemencia da aspiração, mas para elevar-se mais, e

[12] *De Mystica Persarum poesi*, nota a Lowth, Rosenmüler, 1815; Chardin, *Viagem á Persia*; e Delecluze, *Dante e a poesia amorosa*, p. 456.

confundir-se na eterna vida, como o pingo d'agua que vai perder-se no oceano. É a natureza que o endoudece com seus philtros.

A actividade do espirito, a *individualidade*, [13] é o que mais caracterisa a *arte romantica*, na independencia de cada uma das partes, a ponto de sacrificar a unidade da obra, a harmonia; na poesia grega cada uma das partes não subsiste por si; para serem bellas é preciso que se absorvam na regularidade plastica do conjuncto.

Na *Divina Comedia* encontra-se, como em poucas obras da arte moderna, o genio, os pensamentos que inspiram a poesia romantica. Em nenhuma é essa revelação tão profuuda. O poeta não póde limitar na fórma o infinito do sentimento; mas essa mesma fraqueza deixa adivinhar a extensão d'elle, é—o vago. Que verdade profunda, que delirio fogoso de amor nas poucas palavras choradas sobre a pobre Francesca di Rimini. Um suspiro descobre as tempestades de sua alma, a queda, a resignação, mesmo a sua candura:

La bocca me bacció tutto tremante.

No episodio de Ugolino a sublimidade do pathetico augmenta-se com a vivacidade dos traços. A in-

[13] Hegel, *Esthetica*, t. II, trad. de Benard.

certeza em que paira o espirito ao ouvir os filhos do conde dizerem-lhe:

> Padre, assai, ci fia men doglia
> Se tu mangi di noi; tu ne vestiti
> Queste mizere carni, e tu le spoglia!

aterra a imaginação, que procura traduzir n'ella o desespero da dor, o insulto da vida. No pequeno episodio da Pia [14] ressumbra uma melancholia indefinivel, que augmenta mais a agonia da desgraçada esposa, que se definha e morre entre as emanações palustres, como uma flor sensivel, estiolada, sem luz. A mesma duvida que afflige aquelle que ao desposal-a passou o anel para o seu dedo e a condemna assim, é a que nos faz sentir todas as dores que póde conter um coração, e que as palavras não sabem revelar. Era o grande segredo da arte de Dante, era a primeira manifestação da *poesia romantica*. A melancholia é um dos caracteres mais visiveis da poesia romantica; é a tristeza, mas com um vago indefinivel, de que a arte se serve para deixar advinhar a extensão do sentimento. A poesia do norte foi a primeira que se apropriou d'ella; é como o nevoeiro que deixa pressentir a ondina.

Na Cathedral gothica ha a mesma lucta; a fórma

[14] Purg. c. VI.—Vid. *Viagem Dantesca*, de Ampère.

não póde conter o sentimento. Esta creação do genio do homem, este typo do bello sem archetypo nas obras de Deus, eleva-se para o ar, mas a pedra não póde retratar o vôo mystico da alma; fica preza á terra, emquanto ella ergue-se no extasis até á via unitiva e se absorve pela synderese no foco de todo o amor. O architecto para eternisar em sua strophe de marmore a *transhumanação,* espiritualisou a linha, atirou-a ao espaço, é a flexa, a agulha; não se sabe onde ellas acabam. A ogiva, como a cellula d'onde sáem todas as evoluções artisticas da Cathedral, é tambem a espiritualisação da curva, linha material, palpavel, limitada. Mas o espirito não póde ser determinado na fórma; para entrar no dominio da arte, só póde realisar-se pelo sentimento. Esse sentimento puro, mavioso, profundo—é o amor divino, é o ideal da arte moderna. Revelou-o Thereza de Jesus, imaginação exaltada e fervente da peninsula, apaixonada por Christo; ella recebe, no silencio da cella, de suas mãos a grinalda de esposa, e o osculo da união. Canta, e a sua voz é um suspiro d'amor, uma saudade da alma, anciosa por saír do desterro da vida. Morre de amor e a sua morte é não poder morrer: [15]

Vivo sin vivir en mi,
Y tan alta vida espero
Que muero porque no muero!

[15] S. Thereza *Glosa.*

A sua lyra é um coração ferido, como o cordeiro do sacrificio, aonde as aspirações que se succedem, ondas de um mar immenso, são as auras sensiveis que fazem gemer essa harpa eólia. Ella é a Sapho apaixonada, delirante, do Christianismo, que se precipita no pélago do amor divino. Sem um ardentissimo desejo não se póde sentir este amor humilde, tranquillo, immutavel, isempto de amargura e violencia, da zelotypia do amor terreno, variavel, contradictorio, [16] Mas este caminho secreto, por onde a vontade, como columna de fogo, nos guia, é aspero, coberto de sarça, é a via dolorosa. Para subir até lá, a Deus que é simples, é necessario que a alma vá núa, simples tambem : [17] Deixai pai e mãi, mulher, filhos, irmãos e irmãs, sobre tudo a vida [18] por que é preciso perder a vida para a achar no foco soberano de todo o sêr. Que força para abafar a labareda dos desejos, as paixões irrepressiveis, e elevar-se pela synderese ao amor puro do bem! Era esta a verdadeira vida, *fuga solius ad solum*, como diz Plotino. É grande a força d'este amor, transforma o amante no objecto amado. [19] São estes os principios do pantheismo puro, que os mysticos tanto procuram encobrir: "Está longe de si aquelle que ama, nada pensa

[16] Card. Bona. *Manuductio ad Cœl.* Cap. XIX, 5. p. 27.
[17] Idem. Cap. XXX, 2, pag. 38
[18] Luc. 14, 26.
[19] Bona, Cap. XXII, 3.

de si, nada evita, nada obra, e em nenhum logar está a não ser no amado. Oh como infelizmente ama o que não ama a Deos! Não póde estar no amado, o que ama as cousas terrenas, que o não podem saciar, por que são finitas e sujeitas á vacuidade e á morte. O que porém ama a Deos, em Deos está, e deixando de viver em si vive n'elle no qual todas as cousas vivem. . ."

Este pantheismo é o mais sublime caracter da theologia affectiva: é a inspiração da renascença. O mundo com todos os seus encantos e seducções, luctas, contrariedades, reflectindo em si a bondade divina, ideal d'essa poesia, devia gerar no espirito uma inspiração febril, um enthusiasmo fervoroso. A poesia é filha da inspiração hymnica, inexgotavel como a fonte d'onde manava, o amor divino; é o retrato da alma possuida do sentimento do infinito. As obras d'arte, realisação d'este ideal, ornam-se como de uma aureola celeste, que deslumbra os sentidos e deixa um desejo extranho, desconhecido. Tal é a impressão de uma estancia de Dante ou de Petrarcha, de uma Virgem de Raphael ou de Beato Angelico. A pintura, a filha dilecta do christianismo, é a que mais revela o caracter da arte romantica. A estatua é a poesia dos sentidos; o quadro tem muito de espiritual, expressões que falam mais á alma do que aos olhos, e que só a alma póde completar.

É o real ascendendo para o ideal.

Eis o summario das ideias que expuzemos, e que tivemos presentes para a unidade do livro:

1.º Harmonia do sentimento com a fórma, de modo que mutuamente se completam—*Arte classica.*

2.º Desaccordo entre o sentimento e a fórma, que só o revela pela antithese—*Arte symbolica.*

3.º O sentimento não podendo ser contido, ultrapassando a fórma contingente—*Arte romantica.*

Porto, Junho, 1864.

ERRATAS

Pag.	Erros	Emendas
XVI,	liv. IX	liv. IV
Á	prosta-te	prostra-te
»	A	Á
16	Desvotada	Desbotada
32	accordou	acordou
45	surgir em	surgirem
105	É	E
168	Dá	Dos
193	A	Á
199	escoando	coando

AS CEAS DE NERO

Na longiqua soidão d'ignotas plagas,
Esquecido na paz da sepultura,
Em meio d'átras, ponteagudas fragas,
Dorme uma testemunha da Escriptura.
Poisam em bando as aves aziagas
Ali, por noite tormentosa e escura!
Guarda-lhe a campa Leão robusto e velho,
A dura garra posta no Evangelho!

E disse-lhe uma voz de dentro:

"Acaso
Dormes quieto o somno do jazigo?
Ergue-te, vai do Oriente ao extremo Occaso;
Se vieres um dia ter commigo,
Vem contar-me do mundo o estranho caso,
E onde á sombra da Cruz achaste abrigo!
Parte! embora pela amplidão o vento
Disperse folha a folha o Testamento!

-o-o-

"Entra em Roma! da desenvolta plebe
Escuta obscenas, lubricas risadas!
Sedento o Circo em triumpho te recebe,
Com freneticas palmas desvairadas!
Vai! prosta-te no solo que impio bebe
Sangue puro das victimas sagradas
A verdade do Verbo, o mais profundo!
Vai! sabe o que se passa pelo mundo."

LIVRO PRIMEIRO

A SATURNAL DO IMPERIO

Eil-a, a escrava dos Cesares! vaidosa
Sobre sete collinas se espriguiça,
Poisando o duro sceptro ensanguentado
Na cerviz das nações! N'um fero abraço,
Prostituta, ella o orbe a si estreita,
E delira, no estrépito da festa
Com que a funda agonia esconder pensa!

Vão da orgia no ar notas perdidas,

Blasfemias torpes! Vaga a turba infrene,
Onda revolta n'um refluxo eterno!
Erguem-se ao alto as amphoras, coroadas
De corymbos, e o phalerno ardente
Perfumado de heléboro trasborda!
Nas arcadas do ergástulo restruge
Dos escravos o grito, audaz, insano:
—Livres um dia só!—vehemente arranco
Que horrendo torna o longo paroxismo.

A plebe desenfreada anda sem tino,
Traz nos labios o insulto, e vibra alegre
Sarcasmos vís, sua unica vingança,
No estertor lento da cidade eterna!
Como os vermes corróem lentamente
Esphacelado, tábido cadaver,
A raça de Enobarbo em gaudio estúa.
Ebria, ao som de improperios e risadas,
Ella esconde a vergonha atroz da quéda
Nos retalhos da purpura, pedaços
Arrancados da tunica do Christo!

Pelas trevas attonitas se embrenham
Do bairro de Suburra. Nas clepsydras
Remoto o serão passa, e da protervia
A procella frenetica se augmenta!
Sáe Petronio, vem Nero; fundas taças
Com furor levantadas, lhes suscitam
Ideas de lascivia e de loucura.
Onde os leva a vertigem? Casualmente
Ouvem um som perdido, como de aria
D'uma ave, quando á tarde o sol expira.

Escutam, param.
"Vês?"
De novo espreita
O solerte Petronio:
—Oh, sim, bem vejo.
Deitada em seu triclinio como é bella,
Que encendido fulgor no olhar faminto!
Mil desejos alados tumultuam
No seio que palpita.—
"Quem?"

—É Celia!
Celia, a dama romana a mais lasciva,
Do mais inclyto sangue dos patricios,
Na pompa de seu fausto, deslumbrante
Espera anciosa alguem! Magoada e triste,
O rosto na mãosinha delicada,
Flexivel, meiga, palida reclina!
Lagrimas espontaneas lhe rebentam
Dos roxos olhos, como em seio virgem
Bagas d'aljofres, se um colar se quebra!
Ella respira em ondas de perfumes,
Cinge-lhe o rosto esplendida grinalda,
Gregas cativas vestem-n'a de gala.

Disse Nero a Petronio:
"Oh poeta, sempre
"Levaste a palma da volupia na arte;
"Vencendo a natureza saturada
"Tu sabes idear novas delicias.
"Hoje invoco-te o auxilio. Vê se trazes
"Á nocturna anthesteria Celia! Celia,

"Sem ella a noite é longa e somnolenta.
"Uma amphora gentil, de artista grego
"Por mão lavrada, é tua se hoje mesmo
"A trouxeres á cêa."
—É minha a taça!—
E aguardando o momento em que a arrebate
Se embrenham nos alcouces suburanos.

E suspirava Celia; era a harmonia
D'um segredo d'amor. Impaciente,
No frenezim de quem espera, anciosa
No triclinio se encosta:
—"Amal-o eu tanto,
"Sem podel-o apertar entre meus braços,
"Beber nos labios seus a vida toda,
"A candidez, a graça da innocencia!
"Amal-o eu tanto, e sem poder ao menos
"N'um gemido d'amor dizer — sou tua.
"Depois deixar meu palido semblante

"Pender no brando seio, ouvir lá dentro
"Recondita, maviosa confidencia!
"Bello e joven ainda, já tão cedo
"Queimado á luz do sol de mil combates,
"Despresando as corôas de triumpho,
"As glorias, tudo, o amor que lhe hei jurado!
"Descobrir-lhe o mysterio d'um sorriso
"Para vencer-me, e nunca ser vencida!
"Pudesse eu despresal-o! altiva sempre
"Calco a purpura aos pés, e a ti, Licinio,
"A ti, que me despresas, adorar-te!"

N'isto, a dama romana, em seu delirio,
No semblante a expressão do desespero,
E o amor, o amor nos olhos lacrymosos,
Ergue-se trémula, ergue-se violenta,
Em vão, a dor a prostra! Ella, vaidosa
Para esquecer a angustia excruciante,
Manda ao côro de escravas que a circunda,
Modular as canções mais favoritas:

Côro das escravas gregas na vigilia de Celia :

O Pardalsinho de Lesbia

—

"Pardalsinho, d'essa esquiva
É s delicias!
Folga pois, sem dó me priva
Das caricias.

Accendes
Em Lesbia
Desejos! . . .
Por certo
Que escutas
Segredos
Lascivos,
Furtivos
Queixumes,
Eu, não!

Tu saltas
Em joco,
Bicando
Seus dedos;
A troco
De beijos
No seio
Te escondes. . . .
E tenho
Ciumes,
Ciumes
Em vão!

Pungem-te saudades, brincas
Louco!
É para a mágoa esse allivio
Pouco.

Seus disvellos
Como apagam
Teus anelos

Meu rival?
Como, os dedos
Seus te affagam?
Como roubas
Meus segredos,
Não meu mal?

Lesbia, Lesbia, taes carinhos
Se os fruira,
Do desgosto estes espinhos
Não sentira. . .

E o folguedo me seria
Tão ditoso, como outr'ora
Quando do cinto virgineo
A maçã d'oiro caía
Á ligeira caçadora."

Celia sorrio-se ouvindo o côro, e inerte
Deixou com languidez pender a face
Desvotada da orgia! vem tingil-a
Voluptuoso rubor.
—"Sem vir Licinio. . ."
Como quem scisma, triste adormecera,
Na morbidez o desalento exprime;
O joven cavalleiro chega, leve
Deixa voar-lhe um beijo sobre a face,
Ella acorda sentida, extenuada.
"—Se prometti voltar, porque me accusas?

—"Tão tarde! oh vem, estreita-me a teu peito,
Licinio, a flor ephémera da vida
Desfolha-se depressa, eia, vivamos!
Como vens triste! nem me falas? triste
Talvez por me suster entre seus braços?
Se me não dás amor, a morte ao menos!
Serei feliz assim, assim não vejo
Outra roubar-me o sonho da existencia.
Sem ti que vale a vida? Olha, uma virgem

No Agape christão prostituida
Me prefere, bem sei! E nem ao menos
Me sabes embalar no doce engano?
Nem tu ousas negal-o! Hei-de vingar-me,
Hei-de ir vêl-a, graciosa e deslumbrante,
Sobre a arena do Circo exposta ás feras,
E rir-me! rir do amor, de ti! que importa?...
Não ouças meu delirio! é a doudice
D'esta paixão que inspiras! Porque foges
Dos braços sem vigor? e a tua face
Voltas aos beijos que no ar se perdem?
És de neve!"

"—Triumphas, sempre bella:

És grinalda que ornou soltas madeixas,
Mas, calcada no ardor de aérias danças,
Emmurchece por fim!
És a estatua quebrada! amargas queixas
A face diz; tão palida não canças
Da vida no festim!

Tens no peito com letras d'atro fogo
Do desespero e dôr o sello escripto!
Bella, tão morta já!
Libertina, alevanta a Deos teu rogo!
Emmudeces? pois Deos teu debil grito
Como pai ouve lá!

Manchou-te impuro beijo a face linda,
Não foi o teu algoz punhado d'oiro,
Ah, descuidado amor!
Levaram-te, mulher, todo o thesouro,
Mas deixaram-te as lagrimas ainda,
Expressão d'essa dôr!"

—"Amo-te muito.
"—Eu só não posso amar-te!
—"Impio, não digas!
"—Celia! o sangue romano em minhas veias
Corre puro, eu não quero em ti manchal-o.
Como a Roma potente que ha prostrado
Ante si o orbe todo, e ebria, ás gentes

Prostituida hoje os seios abre,
E deixa gangrenar-se de seus vicios,
Tu pareces-me a patria! Eu abraçar-te
Fôra abraçar a ruina do Imperio.
Odeio-te, mulher!"

Morto silencio
Se prolongou entre ambos! Era bella
A sublime altivez do moço, herdeiro
Das tradições da Roma primitiva!
Celia, rica d'encantos, n'esse instante
Humilde como a timida donzella,
Ante o olhar vehemente que a feria,
Arrebatava! As côres pudibundas
De virginal candura, o abandono
Que o desalento dá, transas dispersas
Do nitido cabello! Enlouquecia.
Na transfiguração d'intima angustia
Ficou muda, magoada, pensativa!
Quando voltou a si, para lançar-se
Aos pés d'aquelle que só tinha insultos,

Em troca de blandicias não sonhadas,
Deu por si erma, só:
—"Ah, sonho ainda?
É desvario do goso que me illude?
É a febre da insomnia tumultuante
Que traz esta vertigem? Não me abraças,
Até me lacerar no teu delirio?
Que importa á flôr, que a aragem matutina
Que se embriaga de effluvios rescendentes
A desfolhe ao passar, se é doce o beijo
Que lhe traz d'outras plagas! Não me imprimes
Na face macilenta da vigilia
Um osculo de fogo? muitos, muitos,
Como em noite estrellada e silenciosa
Raios de luz se cruzam pelo espaço.
Oh leva-me comtigo a esses mundos,
Nas azas d'um frenetico desejo!
Desespêro d'amor! ancia da vida,
De loucura, Licinio, me devora!
Coroêmo-nos de flores! breves dias
São estes da existencia: emmurchecidas

De nossas frontes soltas as grinaldas
Eil-as no chão pisadas, sem perfume!
Oh não! inda as anima côr tão viva.
Coroêmo-nos! A taça que trasborda
Esgota-se tão breve; eia, d'um trago.
Não me escutas sequer? onde te escondes?
Nos alvos cortinados de meu leito?
Oh não! fugiste! barbaro, detem-te;
Que me importa a rival encantadora,
Se a manhã da existencia raia alegre,
E me ostenta a meus pés curvados todos!
Quero a volupia ignota da vingança."

Do delirio acordara! no semblante
A expressão da colera profunda
Lhe lampeja de subito. Revolve
Na mente os planos que suscita a raiva;
Ao som do meigo canto das escravas
Buscando distrahil-a da agonia,
Para o banho se despe! Alvas roupagens,
Como a pétala avara se desdobra

E mostra a flor setinea, luxuriante,
Deixam vêr perfeitissimos contornos,
Tumido seio, alvissimo de neve!
É a deusa que se ergue da alva espuma,
É a estatua animada ao beijo ardente,
É a dama romana, vencedora
Da rigidez dos Consules.

Em concha
De porphydo lavrada, similhando
Uma trireme esbelta, que fluctua
De leve, como a espuma á flor das aguas,
Eis se derrama a flux leite e perfumes
Dos mais lascivos que o Oriente envia.
Aspiral-os embriaga! Celia, flascida,
Ergue-se, do hombro cae-lhe o alvo amicto,
Como a nuvem que o sol esconde, o vento
Varre no céo. Deslumbra! ella doudeja
Dentro d'agua travêssa, já risonha;
Ah, se a visse Licinio, então, deixára
Austeridade impropria de seus annos!

E quando mais brincava, distrahida,
Mirando as formas de brilhante alvura,
Ouve-se fóra um cantico saudoso;
Escuta-o:

Canto nocturno do bairro de Suburra:

"Na relva, que orna o prado
Da graça n'esses mezes,
O pômo sazonado
Ao sol cáe tantas vezes!

Typo d'aérios traços,
O sol do amor, tão lindo
Te fez pômo, em cahindo
Cáe só entre meus braços!"

Celia sorriu-se ouvindo-o. Desenvolta
Disse: Tu que tanto amas, apparece!

Era Petronio, o poeta da volupia
Conselheiro de Nero nas orgias,
Vem chamal-a ao festim. Vestem-na á pressa,
A dama parte absorta na vingança.

LIVRO SEGUNDO

AS HORAS DO ÁGAPE

Doido d'amor, quem sabe aonde o leva
O passo mal seguro, ás horas mortas,
Na solidão da noite? Anciado, triste,
Erra incerto, engolfando-se nas sombras,
Que como o olhar do réprobo o opprimem!
Vem-lhe á lembrança aquelle amor ingenuo
Da dolorida virgem, que se esconde
E teme o olhar da plebe turbulenta.
Inda o passado a mente lhe povôa

De fugitivo encanto. O pensamento
Fórma a visão graciosa que se perde.
No desvairado sonho, ella tranquilla,
Graça de Seraphim, vem meiga, dada,
Pairando na aza lubrica e ligeira,
Do leito do repouso pôr-se á borda,
Contar-lhe seus amores. Sonho breve,
Que se esvae como a névoa, e deixa a mágoa,
Fundo abysmo que se abre. Em vão procura
Seguir a apparição encantadora.
Parece ouvir-lhe a voz branda, saudosa
Dizer:

—Licinio esqueces-me?

O romano
Sentiu então o horror d'essas palavras
Da sonhada vingança. "Celia, Celia,
"Quem te ha dito o seu nome? oh como ousas
Proferil-o, malvada, sem sentires
O horror de tuas noites criminosas?"

E foi seguindo pelas trevas densas

Da carrancuda noite. Não mais vira
Eurydêa—quem sabe, perseguida?...
Se a ervada seta busca a pomba branca
Que na rocha escarpada se escondera!...
O peso immenso do rancor o esmaga,
O desespero o morde, como serpe
Que em seus anneis tortura onça sedenta.

Era a mudez da noite mais profunda,
Sereno o ár, as trevas mais cerradas,
Velava a angustia só. De longe em longe
No ár se espraia um som aerio, vago,
Como d'um côro de argentinas vozes;
E perde-se no vacuo do silencio,
Como a ondulação de um véo suspenso,
Da vitrea face d'um quieto lago,
Do vapor tenue, que do val se eleva
Quando um raio de luz baixa do alto.

Parou Licinio a ouvir a confidencia
Dos mysterios da noite. Sons mais claros

Indecisos se escutam, solta strophe
D'um poema indefinivel que medita
A natureza absorta. O moço pasma
Ouvindo o accento magoado e doce
D'harpas longiquas; elle sonha as notas
De angelico concêrto. Pouco a pouco
Vozes de virgens, vozes crystalinas,
Ressoam brandamente. Escuta, scisma.

Psalmo

Do côro das virgens ignotas

Senhor! á sombra de tua mão benigna
Vim acolher-me, tu me deste amparo,
E os golpes dos que me atribulavam
Contra elles desferiram;

A tua mão derruba os crús tyrannos,
Alevanta os que gemem! Pai, entornas
Na chaga dos afflictos o teu nardo
De jubilo ineffavel.

Para mim o teu nome é sempre grato,
Mais que a fonte de Siloé na sésta,
Que a fresquidão das tendas do dezerto;
É meu unico escudo!

O teu nome assombrou todos os principes
De Memphis e Iduméa, era um flagello!
E eu sinto que é só elle quem me inspira
Tão santo regosijo!

N'esta sarça da vida me apparece,
Qual no Oreb, tremendo! excelso brilha
Mais do que o sol, do que as estrellas juntas,
Louvemos o seu nome.

Vós que sentís o espinho do desgosto
Pungir dentro do peito, erguei as frontes
Ao monte do Senhor, vossos algozes
Baquearão nas trevas.

E se o Deos de Israel immenso e forte
Inclinar o seu braço, hão-de os abysmos
Repetir, como attonitos e roucos,
A sentença dos impios.

As almas soçobradas pela angustia
Exultarão, porque Jehová derrama
No seio dos afflictos o seu balsamo
De jubilo inefavel.

Quando accordou do extasi imprevisto,
Em que o deixára a musica plangente
Do doloroso psalmo, o cavalleiro,
Licinio, foi seguindo a erma toada,
Como saudoso olhar um véo que acena;
Deu por si sob a arcada extensa, lobrega
Da escura catacumba. Eccos soturnos
Nas abobadas frias se confundem.
Visagens diabolicas confrangem-se

Nas condensadas trevas; vaga a medo
Por dédalos de ruas tortuosas,
Estreitas e confusas; o seu passo
Sôa no pavimento humido, ossadas
Ante os pés se revolvem, vai seguindo
Pelo accento das harpas sonorosas!
Ouve-as já mais de perto. Eis de repente
Quadro esplendido aos olhos se lhe mostra:

Era a hora do Ágape sagrado.
Mudo contempla: Virgens radiantes,
D'uma alvura diaphana vestidas,
Bordam em volta as mesas e parecem
Terno bando de rolas foragidas
Em surda gruta timidas occultas.
O vinculo fraterno ali estreita
A familia christã. O ancião Antiste
Levanta a voz saudando o Dia novo
Em que no orbe hão de reinar suaves
A paz e o amor á sombra do Cordeiro:

Parabola do Bispo á mesa do Ágape

Jesus peregrino

"Angelicas harpas entôam trindades,
Ai que hora tão santa, de tantas saudades.

A tarde era fria! seguindo caminho
Da aldêa distante, coitado, sosinho

Vai triste, ao relento, sem lar, sem abrigo
De rotos andrajos coberto um mendigo.

Um carro na estrada passava cantando,
Seu dono adiante com ar venerando.

Voltava a essa hora do assíduo trabalho,
Buscava no alvergue da escarpa agasalho.

Ao vêr o mendigo tão mudo e gelado
Levou-o piedoso no carro assentado.

E o pobre embebido n'aquella agonia,
Com frio e com fome nem mesmo gemia.

Á choça chegados, o bom do velhinho
Não quiz que elle fosse seguindo o caminho.

Ouvindo-os, a esposa senil vem á porta,
Contente o recebe, sorrindo o conforta.

Os pés lhe lavaram, sentaram-n'o á meza!
Nem come, nem fala! tamanha extranheza.

O velho e a consorte lhe deram seu leito,
Com roupas de linho, macio, bem feito.

Por horas remotas da noite calada
Os gallos cantaram! Rompia a alvorada;

Ouvia-se um leve, magoado gemido,
E a esposa anceada acordou seu marido.

*

Levantam-se inquietos á voz que assim chama,
A luz accenderam, vão junctos á cama.

Eis á cabeceira do leito uma cruz
Só viram, sobre ella pregado Jesus!

Das chagas abertas o sangue corria,
Orvalho que a aurora do empyreo annuncia.

Em rosas mudada a corôa de espinhos;
E em paga de tantos sinceros carinhos,

Jesus lhes dizia n'um almo sorriso:
—Commigo vinde ambos hoje ao paraiso."

De venerando aspecto, as cans dispersas,
Embranquecidas pelo gear dos annos,
Tinha o Bispo a candura de creança.
Riam-lhe os olhos, quando a voz sentida
Revelava ao neophyto os mysterios

D'uma vida inefavel. Inspirava
Esperança e amor, tranquilidade.
Pendida ao chão a fronte, sob o pezo
De atribulados annos, a alma ardente
Não vergava nas ancias do martyrio.
Era um anjo esquecido sobre a terra,
Trouxera a Roma a sciencia imprescrutavel
Das Escholas do Oriente; é Fidus, Bispo
E Confessor e Martyr! quantas vezes
Já viu reverdecer a sua palma!

E Licinio sentiu tambem que o amava.
As Virgens da mão tremula recebem
O manjar eucharistico da graça;
Trocam na face o beijo da alliança,
E, em quanto o velho Antistite rodeam,
Voz peregrina e solta decantava.

Era a voz de Eurydêa. Transportada
No ardor da inspiração pura e divina,
Era a Sybilla que annuncia o Verbo,

Era o murmurio do celeste canto!
A cythara gemia sob os dedos
Percorrendo de leve as cordas todas.
Arde no amor do céo; de amor ferida
Conheceu-a Licinio. Arrebatado
Na vertigem d'um sonho que lhe foge,
Corre aos braços da amante, ella emmudece,
Abraçam-se! tão intimas saudades.

"Ah, se eu fosse branca pomba,
Mais alva do que a neblina,
Do que o lirio da campina,
Que desmaia ao sol d'agosto,
Venceria a minha dôr:
Poisando nos vossos hombros,
E beijando a gelasina
Que a sorrir vos toma o rosto,
Se falo do meu amor!"

Fidus, o ancião, ao vêr o impio romano
Saír da sombra, como um leão da cova,

Posto a abraçar a virgem que desmaia,
Corre intrepido! Pasma, vê só lagrimas
Dos olhos do pagão virem ferventes,
Espontaneas a flux!
"Oh quem te envia
A espreitar os mysterios sacrosantos,
Que a noite esconde aos olhos dos perversos?
Como ousas vir tocar a Virgem pura,
Tu, manchado da infamia da Cidade?
Ah não responde? misero, só chora,
É acaso o irmão que busca a irmã querida?
Como vieste até aqui? O que annuncias?
Acorda, fala oh alma transviada!"

Ficou hirto o romano, mas do Antiste
No olhar ingenuo ria alma candura.
Então Licinio ante os seus pés se prostra:

"—No deserto da vida, á mingua, errante,
Busco sequioso a fonte do baptismo,
Devora-me atroz sêde!"

"Filho, filho!
(Exclama o Antiste unindo a face meiga
Do joven sobre o peito) diz que angustia
Te faz descrer da vida? Acaso o vicio
Ha deixado em tua alma só ruinas,
O desalento, o tedio? oh não, bem vejo,
Transluz-te na expressão virginea graça.
Porque vens tu, romano e cavalleiro
Receber a lei nova, expor-te aos transes
Do tremendo flagicio?"
"—Anjo risonho
Veio doirar-me o sonho da existencia,
Ella me aponta esta espinhosa senda."

Esconde a face palida Eurydêa
Sob o véo transparente. O santo velho
Conhecera a expressão timida e pura
Do recondito amor.
"Bem hajas, filho!
Foi em visão celeste que a sonhaste?
Mandou-a o céo, para acordar-te á vida?

Eurydêa és a pomba solta da Arca,
Trouxeste um ramo de verdura. Oh conta
Como podeste amal-a desde essa hora?
Porque a buscas de longe?"
Dois suspiros
Tão intimos e vagos, n'esse instante
Se confundem. Os sons d'uma harpa eólia
Não se harmonisam tanto, quando passa
A viração da tarde embalsamada.
O venerando Antiste emmudecera,
Traduzindo a resposta fugitiva.

"Fala-me d'esse amor!"
Pende-lhe a fronte
Sobre o seio opprimido.
"Fala, escuto."
Deslisa pela face mudo pranto,
Pranto que a face escalda. Era o silencio
Profundo, augusto e o terror se augmenta,
Ao vêl-o como attonito, abysmado
Na dôr incomportavel.

"—Longes terras
Percorri na vertigem sanguinaria
De combates violentos. Oh bem cedo
Fui embalado ao estrepito das armas!
Era a gloria o meu sonho. Arduas emprezas,
Feitos de audacia incrivel, tudo ousava,
Só para vêr feita árbitra das gentes
A senhora dos Cezares. E a gloria,
Nuvem que esconde aos pés o precipicio,
Quão breve se esvaece! Á Lusitania
Enviaram-me a bater tribu do Herminio
Irrequieta, indomita. O triumpho
Sorria-me de longe! a toda a pressa
As legiões se apromptam, já tremulam
Ao rijo vento as aguias audaciosas
Do estandarte sanguento. Altas montanhas
Escarpadas transpuz, vôa a cohorte,
De val em val retrôa clangorosa
A tuba, acorda o ecco das batalhas.
Eis se encarniça a lucta, nem dá treguas
Da noite a escuridão tetrica, horrenda.

Ao outro dia, á luz do sol que nasce,
Cahindo a jorros do alcantil dos montes,
Achei por terra as legiões romanas
Sobre as cruentas fragas. No destroço
Fiquei tambem, perdido, extenuado.
Senti a raiva, o opprobrio da ruina!
Ao vir da noite negra, a todo o custo
Ergui-me ás roucas vozes dos abutres
Pairando sobre as cryptas escalvadas
Dos fraguedos do Herminio. Ergui-me a custo,
Tacteio a medo ignotos precipicios,
N'uma caverna lobrega me escondo.
Ali gemia as horas do desterro!
Á noite ouvia o mar rugir distante,
O vento urrar na aresta dos fraguedos;
Eu só, longe da patria! Ás horas mortas,
Quando tudo dormia, ao luar tranquillo,
Levantava a cabeça d'entre as fendas
Da funda gruta, e no intimo silencio
Da noite, o olhar no céo puro, azulado,
No passado scismava. Quantas vezes

Ao palido clarão do luar incerto
Vi perpassar um vulto d'alvas roupas,
Sobre os penhascos leve, distrahido!
Era sonho? illusão da vista absorta?
Não sei! Era a ondina do nevoeiro,
Era a fada que scisma divagando.
E costumei-me a vel-a, e affligia-me
O vel-a assim, sobre o cairel do abysmo.
Pensando sempre n'ella adormecia:

"Diz em que scismas, quando geme a vaga,
Ao luar do estio em praia solitaria?
Ou quando ave que emigra a extranha plaga
Modula triste sua tremula ária?

"Tu vens assim ao leito do repouso
Doirar-me os sonhos, vaporosa fada;
Beijar-me, como á areia onda agitada,
E somes-te, murmurio saudoso."

Tentei seguil-a em vão, por entre as penhas

Confundido me perco, não descubro
A caverna, meu unico refugio.
A aurora purpurêa a orla extrema
Do longiquo horisonte, sobre as ondas
Escamas sobre escamas d'ouro espalha.
Assim me achei nas mãos do inimigo.
Era o rancor eterno, inabalavel;
Ataram-me ante o idolo terrivel,
Endovelico! em roda os punhaes brilham,
Para o nocturno, abjecto sacrificio.

Ia remota e vagarosa a noite,
Nimbo opaco escondia o luar saudoso,
Gemia o abutre sobre a rocha alpestre;
Eu aguardava o instante em que das grutas
Visse surgir em as violentas hordas
Dos guerreiros Herminios. Passa a brisa,
Varre do céo as nuvens, raia a lua,
Com morbido fulgor, do firmamento
Na immensidade. Escuto, olho, prescruto,
Sobre a aresta das fragas volteando

Passa veloz a apparição risonha.
Vi-a então de mais perto. Era impossivel
Um sêr egual no mundo; ella divaga,
Como por mão ignota conduzida!
Sinto-a em breve a meu lado:

"Que receias?"
Era a sua voz como o estalar da fibra
Mais intima d'uma harpa. Ella desata
As cadeias que na ara me prendiam.
Abraça-me em delirio:

"Quantas vezes
Fui vêr-te adormecido, como a rola
Escondida na rocha! Eia, fujamos!"

Ia dizendo, a voz no labio expira.
Eurydêa, mais bella n'esse instante,
A seus braços se arroja, e então soluça.
Fidus contempla o par gracioso. O côro
Exulta ao vêl-os loucos confundidos:

—Oh venerando Antiste, oh pai, agora
Aquelle amor purissimo abençôa!

Nada responde o Ancião, pende-lhe a fronte,
As lagrimas debulham-se dos olhos.

"Porque choras?"
"Meu Deos é impossivel
Unil-os sobre a terra! a ti a virgem
Ha votado, Sênhor, sua candura!"

Recuou de horror Licinio, ella desmaia
Ouvindo o grito:
"—Maldição oh Christo!

LIVRO TERCEIRO

FESTIM DE TRIMALCIÃO

Entremos na mansão do joco e riso;
Que inebriante aroma pelas salas
Revôa em ondas tumultuosas, como
Tropel d'alados, lubricos desejos.
De purpura os listões, as colgaduras
De cambiante setim, cupulas altas
De porfido entalhadas, o reflexo
Dos candelabros d'oiro, tudo aterra
Os sentidos extaticos, suspensos.

*

Das marmoreas abobadas pendentes
Immarcessiveis, fulgidas grinaldas
Com profusão entornam mil perfumes.
Sobre as mezas, de jaspe cizeladas,
Doirados rolos de poesia obscena
Se desdobram com graça. Os alvos dentes
De balêa britanica, esculpidas
Ostentam fórmas puras, seductoras,
Que o raro manto de gentil beldade
Deixou roubar de subito. Os espelhos,
Com pensado artificio collocados,
Tornam mais surprehendente a pompa
Da habitação de Nero. Taciturno,
Ao som dos beijos que no ar murmuram,
Á vista d'esses flascidos requebros,
Nero succumbe ao tedio que o devora!

A palidez de longas anthesterias
Desbotara-lhe a face, já mirrada
Nas vigilias da crapula sedenta.
Lacerado de incognitos desejos,

Soffrego experimenta, nada encontra.
Em vão Thymele, prodiga de encantos,
Ladeada de tímidos disvellos,
Lhe descobre um segredo de volupia;
Ella suspira meiga, como Lesbia
Quando foi achar morto o Pardalsinho,
Folguedo em horas de insoffrido anelo.

Nem assim. Thais e Lydia, ambas divinas,
E perdição de consules austeros,
Tentam debalde avassallar do Calvo
A fria indifferença; ambas porfiam,
Uma desata o cinto, o abandono
Das tranças, sobre os niveos hombros soltas,
Arrebata. Outra em magicos volteios
Deixa o indiscreto olhar colher furtivo
Sacrario de melindres, onde sonham
Prolificos anceios. Desprendidas
Das mimosas capellas, lindas flôres
O chão tapisam. Ambas se enamoram,
Apertam-se ardentissimas; famintos

Vôam na face os beijos; duas pombas
Não são no fim da tarde tão lascivas.
Emboscados desejos accometem
O par suspenso em vehemente arrobo;
No frenesim das dansas as madeixas
Desennastram-se, os lirios dos convalles
Cáem; como elles, pendem fatigadas!

É como o eunucho indifferente Nero.

Eunuchos e trinchantes vem velozes
Entrando pela sala; as iguarias
Opiparas da cêa já rescendem.
Um em punho a travessa do guisado
Traz de peixe thyrreno. Aurea baixella
Deslumbra mais a vista fascinada.
Tudo peixes rarissimos. Á meza
O rodavalho ingente, que pescado
Foi no mar Adriatico, apparece
Nadando em môlho de Venafro azeite.
Do Circeu promontorio vem as ostras,

Das rochas do Lucrino.

Enfastiado
Nero nem ri de profusão tamanha!

Sobre os outros manjares já triumpha
Lamprêa da Trinacria. Entre o phalerno
Vem amphoras profundas de Massico,
Perfumadas de aromas exquisitos.
Entre ambos vê-se o rubro caranguejo,
Trazido da lagôa Rutupina.

A Nero esta opulencia mais o enfada!

Mas de repente um riso transparece
Pelas faces cavadas. N'esse instante
Entrava Celia, a dama que deslumbra
Em pompa e fausto a caprichosa Roma!
Vem bella como nunca, pelo braço
Do astuto Petronio, como afflicta
Por ideia recondita que a opprime!

O frémito da aragem fugitiva
Que passa, ao fim da tarde, perfumada
Do aroma inebriante da campina,
Em vão imita o afan de seu cansaço;
O arquejar do peito, na fadiga
Era a vaga indolente que o sol doira,
Era uma haste flexivel que baloiça,
Vergada por dois pomos que a aura agita.
A alvura dos contornos, a harmonia
E nitidez dos traços do seu vulto,
Dão-lhe a graça, a altivez d'uma rainha
Vindo trazer-lhe as páreas do Oriente!

Ante a vista de Nero ella estremece;
Mas a vingança a anima.
Desvairado,
Nero ao vêl-a sentira-se poeta
De inspiração selvagem, sanguinaria.
Levanta-se em delirio, ao ár a taça
Trasborda de phalerno.
Elle a sauda:

Brinde a Celia

"Celia! na vida o thálamo,
Na vida—atro dezerto,
É paraiso aberto,
Seio feliz de mãi!
Rosal todo aromatico,
Onde és vergontea airosa;
É luz, tu mariposa
Que n'ella cahir vem!

Rôla engraçada e timida
Vem ser puro holocausto!
Deixa teu peito exhausto
Pender no altar de amor!
Entremos! noite esplendida!
Oh, vem d'olhos enxutos,
Troca por doces fructos
A pudibunda flor!"

Tigellino, seu aulico e valido,
Genio da intriga sordida e abjecta,
Em vão quiz disfarçar gesto insensivel
De profundo rancôr, ao vêr a taça
Pertencer como dádiva a Petronio,
A Petronio, ao rival que mais odiava.
Jurou perdel-o!

Celia, é sempre triste.

Debalde canta Nero seus amores,
A dedilhar na lyra marchetada;
Vertigem doida a mente lhe devasta,
Quer agradar á amante, surprendel-a
Com pompas não sonhadas. Ambos descem
Para os jardins; sentados em quadriga
Celerrima, desfilam pela arena
Alumiados ao clarão extranho
Dos christãos que ardem firmes, impassiveis
Em resinosa chlamyde envolvidos.
Nenhum solta um gemido. Passam leves

As saxifragas rodas, mais ligeiras
Que na carreira olympica.
Não fala
A distrahida Celia; em desespero
Nero quer-lhe ostentar novo espectaculo.
Sobe com ella ao cimo da alta torre,
E diz:
"Mulher contempla!"
Pelas sombras
Da procellosa noite luz brilhante
A vista absorta cega. As labaredas
Já, famintas no ár rubras, fluctuam;
Era o incendio de Roma! A chamma indomita
Lambe por toda a parte, o estrago vôa,
Baqueam altas fabricas, por terra
Ruem torres enormes. O alarido
Da consternada plebe se mistura
Ao crepitar do fogo que a circunda!
As chammas vão do Cœlio ao Palatino,
Como farpadas linguas de serpentes
A flamma brilha d'entre o espesso fumo,

E corruscante lavra, e se derrama
Madeixa loira e solta sobre o corpo
Da Meretriz das gentes. Brada insano
No ergastulo profundo o escravo, as grades
Vergam-lhe sob os dedos na ancia extrema!
No tumulto se esmagam, se atropellam!
Os monumentos inclytos desabam,
Cobrindo a multidão que tripudia.
Falta um refugio, o desespero cresce,
Nos canos da cidade, no asco abjecto,
Ahi se escondem; morte escura, hedionda.

Nero alegra-se ao vêr o incendio. Á lyra
Embutida das perolas do Oriente,
Engrinaldada de virentes louros,
Encosta o braço descoberto. Envolto
Em roçagante purpura, que fulge
Recamada de pedrarias, de ouro,
Attonito contempla, como oppresso
Por diluvios de inspiração violenta.
Celia a seu lado, na mãosinha breve

Tem pômo d'ouro! o que alcançára Hellena;
As roupagens dos hombros se despenham,
Deixando adivinhar alvos contornos,
Provocadoras formas. Mesmo Homero
Não sonhara tão bella a realidade.
Cabeça que desvaira:
"Celia, Celia!
Quero cantar as ruinas d'outra Troya,
Sê tu a muza!"
A dama alfim sorrio-se.
"Porque estavas tão triste?"
Tigellino
Que o ouvira, responde-lhe em segredo:
—É teu rival Petronio!
Nero ordena
Um epitaphio ao poeta; percebendo
A terrivel sentença, elle se occulta
Nos braços de Thymele; segue-os Lydia
E Thais. Principia outra anthesteria.
Ellas tecem corôas rescendentes,
Acclamam-n'o poeta da volupia,

Arbitro e nume. Cobrem-n'o de beijos;
Ri-se Petronio; lembra-se que deve
Tornar libidinoso o suicidio.
Enche a taça ganhada n'essa aposta
Da noite de Suburra. A vista d'ella
O fascina, trasborda de massico;
Bebe saudando a hora fugitiva
De inebriante prazer. Meiga Thymele
Pede-lhe um canto de amoroso enlevo:

Canto de Petronio

ao lançar-se nos braços de Thymele

"Teu braço
De neve
Nas dansas
Ligeiras,
Fogosas,
Lascivas
Me prende
Subtil!

Com passo
Tão leve
Nos ricos
Tapetes
Das salas
Faustosas,
Resvalas
Não cansas,
Arfando
Gentil!

Teus olhos
Ardentes,
Vehementes
Me fitam,
Voluveis
Se agitam
Com vida
Louçã!

No fogo
Das dansas
Teus seios
Palpitam;
Mais linda
Realças
Se as faces
Mimosas
Imitam
As rosas,
Se as loiras
Madeixas
As deixas
Revoltas,
Já soltas
Pairando
No lubrico
Afan!

Só quando
Te esqueces
Na maga
Vertigem,
Pareces
A virgem,
Que vaga
Sonhando
Do abysmo
Nas bordas
Um sonho
Fatal!

Mas n'esses
Instantes,
Se trépida
Acordas. . .
Similhas
A fada
Das ilhas
Distantes,

Occulta
Na névoa
Do lago
Tremente,
Que á lua
No estio,
Doudeja
Lá, núa,
Nas aguas
Do rio,
Scismando,
Scismando
No immenso
Areal!

Ai louca,
Travêssa,
Na alegre
Corêa
Se a medo
Tropéça

Teu passo
Veloz:

Cahindo. . .
Promessa
Mentida
D'amores
Recorda
N'essa hora,
Que agora
Só vejo
Que um beijo,
Se o furto,
Tu logo
M'o pagas;
Mas nunca
Me apagas
O fogo. . .
Desejos
Que existem
Em nós."

*

Desprende-se com languidez dos braços de Thymele.

Como áspide saíndo d'entre as flores,
Petronio, assim, do seio um punhal tira;
Uma vêa, a que torna mais graciosa
A alvura de seu braço, rasga, o sangue
Jorra; detem-n'o:

"A vida é breve instante!
Brinco ao vel-a affundar-se para o nada,
Como na praia solitaria o infante
Ri, atirando ao mar concha quebrada."

Rasga a vêa de novo e o cymbio emborca.
Lydia, Thymele e Thais empalidecem,
Ri Petronio encostando-se ao triclinio:

"Abraça-me Thymele! como as flores
Vão cahindo da fronte desbotadas!
Inda uma vez, oh fala-me d'amores,
Seja o aroma das taças esgotadas.

"Embale-me da vida o epicedio,
O nada é frio! cantai, cantai, mulheres;
Largas hoje ao delirio! a vida é o tedio,
Quero fugir-lhe na aza dos prazeres.

"Abysmado na duvida, pungido
Pela tristeza acerba, rio, rio!
Teu olhar me pergunta condoído
Porque me alegro, a luz que a alma entrevio?

"Porque espero e confio no segredo
Que este veneno me dirá, não córes!
Assim ao menos findará mais cedo
Este inferno de dores!"

Rasga outra vêa; a toga de Proconsul
É manchada de sangue. Desvairado
Petronio ergue-se, o copo trasbordando,
Saúda o engano, as illusões da vida,
Os desejos e tudo que lhe foge.

Da face esvae-se a côr leve e mimosa,
Dos olhos o fulgor diamantino
Extingue-se, esmorece. No triclinio
Flascido, inerte cáe, o sangue pára,
Fluctua a vida no sorriso extremo,
Como a ultima nota que se perde
Na vibração remota d'alguma harpa.

Nero exultava ainda vendo o enlevo
Da alegria de Celia:
"Que me pedes
Que te não faça, diva encantadora?
Eil-a Roma no altar do teu capricho.
Que mais pedes, mulher!"
—"O Circo, o Circ
E a opulenta Celia dissoluta,
Lembrou-se da vingança inabalavel
Que jurára a Licinio: vêr a amante
Sobre a arena do Circo exposta ás feras,
Rival obscura, que audaciosa a afflige!

No alarido do medonho incendio
Urro estupendo estruge e tudo aterra!
D'onde parte essa voz ignota, horrenda?
Era um Leão do dezerto, errante, vindo
Da Lybia adusta. O resplendor das chammas
Seduz-lhe a vista, entra a cidade eterna,
Divaga solto, sacudindo a juba.

Proclama Nero o edito sanguinario:

"Christãos ás feras!" grita a plebe infrene,
Agrilhoado o Leão, ruge no Circo.

LIVRO QUARTO

FLOS MARTYRUM

Era junto do altar santo da Virgem,
Á luz erma da alampada suspensa,
Na mudez das arcadas tenebrosas
Das surdas catacumbas!
Junto da ára
Eurydêa e Licinio conversavam
Dos segredos do céo, que o amor descobre.

Como era linda a virgem n'esse instante!

"Meiga estrella cadente que fulgura,
És como um seraphim quando se esquece
Do céo, se ama na terra a creatura!

És um anjo esquecido! oh quem pudesse
Fazer do peito a urna, ostia querida,
Fazer do peito a urna, e te escondesse.

Erma rola que gemes dolorida,
Que ao pôr do sol procuras a soidade,
Que pela soledade andas perdida:

Que vaga, indefinivel saudade
Te inspira a migração, como tão cedo
Tua alma pura anela a immensidade?

D'uma cythara angelica és segredo
Que ao peito amor purissimo transmite,
Como a mensagem da aura no arvoredo.

D'esse extasis acorda, Sulamite,
Ao beijo. . . ah nunca o beijo d'um amante
Cae tão leve, que o labio não se agite!

Porque occultas a face n'este instante?"

Ella escondera a face magoada
Sob a alvura do manto, temerosa:
Do catechumeno a paixão ardente
Quasi esquecer-lhe faz o alto mysterio
Da fé em que o inicia. Ella combate
A tentação que passa fugitiva,
Prostra-se ante o retabulo piedoso,
Toda absorta na prece angustiada.
Silencio augusto. A luz remota, morbida
Da veladora alampada crepita.

Então, começa o Neophyto falando
Do passado e d'amor. É tão saudosa
A voz com que elle a accusa! Mudo pranto
Desata-se nas faces de Eurydêa,

Como d'um lyrio a baloiçar na aragem
Cáe o crystal do orvalho matutino.
Contava-lhe Licinio como viera
Na calada da noite, ao luar estivo,
A elle, junto do idolo sanguento,
Acordal-o, trazer-lhe a liberdade:

"Vieste branca pomba
No tenue manto envôlta,
Como paira sobre arvore que tomba
A pomba da Arca solta.

Mãe, que o seu filho acorda
Que dorme sobre o abysmo,
Vieste achar-me do sepulchro á borda
No anciado paroxismo!

E respirando a custo
No ésto e ardor da febre,
N'aquella noite eu era como o arbusto
Que o vento ao passar quebre.

Que vida? era o segredo
Que sabem duas lyras!
Disseste n'uma lagrima—tão cedo
Na flor da vida expiras!—

Depois muda ficaste,
O pranto de quem soffre
Brilhava, mais que a perola no engaste,
Do que um collar de aljofre.

—Tão joven, como a vida
Vôa no ai que solta!
Destino incerto volta
A pagina não lida.—

Corôa do martyrio
Me dava a crença vivida,
E á luz da lua, lirio,
Beijaste a face livida.

Que beijo o teu! que fogo!
Cerrou teu beijo um tumulo;
Das ancias n'esse cumulo
Senti-me viver logo.

Assim na veiga flórida,
No cimo da collina,
Ao vir da manhã rorida
Floresce uma bonina.

Já não te lembras hoje
Da noite em que beijaste a face livida?
Como córas? teu labio porque foge
Quando pago essa divida?"

Eurydêa se lança nos seus braços.

—A brisa matinal, que doida e leve
No rosal aromatico volita,
A imitar tuas falas não se atreve!

Que beijos se não dão! soffregos, loucos!
Como em joco de infancia e de innocencia.
Esquecem-se do céo, vôam-lhe as almas
No delirio do amor; são dois archanjos
Que amor confunde n'uma mesma essencia
Ante o solio do Altissimo.

O Antiste
Irradiante de graças apparece,
Tinha a expressão da timida candura;
Vinha salval-os; trémula velhice
Unge-lhe as falas de sincero affecto,
Nem sabe reprehender essa loucura:

"Como esqueces a via dolorosa,
Oh transviada pomba? e a vista afastas
Do côro d'anjos que de lá te acenam?
Como esperas a volta do Esposo
Pela augusta mudez das horas mortas,
E deixas tua alampada extinguir-se?
Teu vaso de eleição ser derramado?
Emmurchecer-se a candida grinalda?

Oh filha, és a solícita pastora,
Pois segues o cordeiro enamorado,
De val em val de lagrimas perdido.
Tral-o ao nosso redil! ha-de o empyreo
No concerto das harpas ineffaveis
Cantar e desejar a tua culpa!"

Fidus a si a estreita, pesarosa;
Não quer mais magoal-a. Elle emmudece,
E pelas faces desmaiadas caem
Como punhos as lagrimas ferventes.
Nem já póde contel-as. Repentino
Ruido atroz se repercute ao longo
Das arcadas sombrias, pavorosas,
Das vastas catacumbas. Era a plebe
Que no solo de Roma tripudia,
Lançando ás feras os christãos inermes,
Culpados da catastrophe estupenda.

Parte Licinio para vêr se acaso
Barbara gente vem, raivosa, fera,

E assola indomita a cidade eterna.
Fala-lhe o amor da patria, lembram-lhe hoje
As tradições gloriosas. Chora vendo
A baixeza do nome de Romano;
Só póde dar-lhe força o Verbo novo.

Fidus então sustendo entre seus braços
A semimorta virgem:
"Eurydêa,
Oh não chores assim, o céo perdôa.
Mal sabes a visão que ante meus olhos
Se ostentou hoje esplendida, risonha?
Um anjo d'azas brancas, vaporoso,
Vestido do fulgor de chamma pura,
Coroado de immarcessiveis lirios,
Suspenso na onda etherea, vem dizer-me
Que do transito a hora se aproxima.
Vinha trazer a palma verde! Acceita
O dom que o céo te envia!"
No semblante
Da dolorida virgem transparece

De subito o fulgor d'almo sorriso,
Como de perola em ceruleo manto.
Desfallece outra vez. Proximo da ara
Languida cáe. O antiste a passos lentos
Ao longo das arcadas intrincaveis
Perde-se triste, e a deixa a sós, tranquilla,
Extenuada, bella, adormecida:

"Senhor! oh dai-lhe forças para o transe,
Apparelhai a via dolorosa!
Não deixeis que a cordeira alva, innocente
Se prenda pela sarça emmaranhada.
Abram-se os céos em gloria, a recebel-a
Anjos em legiões saiam cantando,
A receber a pomba foragida,
Que volta á Arca do Senhor com o ramo,
A palma do martyrio aqui ganhada
No pelago do mundo vario, incerto."

Assim orava Fidus, sobre a terra
Prostrado, humilde. A dor que o compunge

Nos baços olhos sécca o pranto mudo.
E n'esse instante a Virgem deslumbrante
De languidez e graça, como oppressa
Pela visão tremenda do martyrio,
Somnambula, risonha se alevanta;
Alva chlamyde envolve-lhe os contornos
Do delicado corpo. Fluctuando
Ao vento seu cabello destrançado,
Aonde a leva o sonho, o desvario?
Como um traço de luz, desapparece
Nos meandros de abobadas soturnas,
Pelas voltas dedálicas caminha
Impavida, segura. Não a acorda
A luz do sol que nasce, o sopro frio
Da viração travêssa e os insultos
Da plebe dissoluta. Encantadora
Passa como um baixel por sobre as ondas.

Celia levada em rapida quadriga
Para o Circo de Nero, ao vel-a pára!
A labareda do ciume, indomita

Atea-se violenta. Vaga e tímida,
Eurydêa desperta, mãos selvagens
Arrastam-n'a sem dó. Terna suspira,
Mas debalde. Que infame regosijo
O de Celia encontrando-a transida,
A atropelada virgem sobre a arena
Do atroz, sangrento circo.
Sequioso
De sangue, o povo acode para vel-a,
Quer saciar seus instinctos! As risadas
E os obscenos canticos se entôam,
Improperios, blasphemias se repetem.

Entre a turba frenetica Licinio
Vem ver que martyr hoje acceita a palma
Do transe doloroso. A face volta
De indignação e horror quando vê Celia
Na mentida opulencia ali vaidosa.
Aproxima-se mais! o desespêro
O prostra quasi em terra, ao ver pendida
No ensanguentado circo a amante.

Pasma!

Nos ferreos gonzos range a porta enorme,
Indomavel Leão entra, sacode
A juba, urra violento, e cáe de chofre
Sobre a Virgem. Arroja-se d'um salto
Sobre a fera Licinio! em vão relucta.
Em seu collo Eurydêa se lhe inclina
Trespassada, confusa. Ambos devora
O esfaimado Leão da Lybia adusta.

Á longiqua soidão d'ignotas plagas,
Aonde a Testemunha da Escriptura,
Em meio d'atras ponteagudas fragas
Dorme, na longa paz da sepultura,
Ao pio d'aves negras, aziagas,
Que ali revôam pela noite escura,
Chega á campa o Leão robusto e velho,
A dura garra assenta no Evangelho:

"A raça de Enobarbo em gaudio estúa,
"Ebria, ao som de improperios mais devassos!
"Só a protervia faz com que reflúa
"Resto da vida para os membros lassos!
"Ella occulta essa ulcera atroz, núa
"Nos retalhos da purpura, pedaços
"Arrancados da tunica do Christo.
"Entrei no Circo, não mandastes isto?"

Sentiu-se então na funda sepultura
Um ruido, como o d'árdida phalange
Que viu sair da horribil espessura
Mão ignota, brandindo igneo alfange!
Não aterra o Vidente a impia loucura
De Roma; mas a ossada fria range
Ao pensar, que esse Verbo que elle adora,
Moloch, um dia os filhos seus devora!

FIM.

A VELHICE DE HOMERO

Era sereno o mar! travêssa a onda egêa
Da pampinosa Chio, vinha lamber a areia!
Aura, que faz na selva o hymineu das flores,
Que em harpa eolia diz segredos mil d'amores,
Corria!

Era mavioso o suspirar da vaga!

Alcyone sobre ella a sós, erma, divaga,
Confunde no murmurio o dolorido canto.

Era a ilha esmeralda; o mar azul o manto.

Como cysnes vogando, eis surgem brancas velas,
Como enfeitadas vem! celerrimas, só vêl-as
Faz gosto! Vem cantando á prôa alegres nautas;
Diz o gemer do mar com o trino das frautas.
Delphins a quem a lyra attrae com doces vozes,
Vogam como delphins esses bateis velozes!

"Salve terra hospedeira! oh Chio bella e virente
Que déste ao grande Homero abrigo antigamente!"
Gritava a multidão que, a vêr a maravilha
Da festa santa, accóde á veneranda ilha!

Vinha rompendo a aurora, alegre, esplendida. Era
A primeira manhã da nova primavera.
A natureza ri; assim mãi carinhosa
Sorrí, vendo brincar, florir a prole ociosa;
O lirio pudibundo abre o virgineo seio,
Mudando o orvalho em mel, que a refrescal-o veio.
Na selva solitaria a philomena trina,

É thálamo d'amor a rórida campina,
A brisa gemedora é meiga confidente!
Murmura a onda egêa ao vir mansa, plangente
Espriguiçar-se ao sol, que n'ella reflectiu
Oiro que ás praias traz da veneranda Chio.
Ilha gentil de Chio, a gala que hoje ostentas
A natureza a deu! Com festas opulentas
Do Aédo divino a vinda ás tuas plagas
Entre canções febrís reconhecida pagas!

Brilha vivido o sol; no umbral de sua choça
Sentado humilde ancião alegre se remoça.
Ria na vasta fronte a placida constancia;
Tinha da edade d'ouro a feliz ignorancia;
Era Glauco, pastor! As cans ao vento dadas,
Eram tão alvas, como o leite das manadas;
Faziam d'elle um Deos! davam-lhe augusto aspecto.
O hospede, o proscrito abrigo no seu tecto
Achavam sempre, e sempre amigo dos extranhos
Vira os filhos crescer, medrar os seus rebanhos!
Qual cedro secular, dos cedros mais vetustos

Que á sombra sua accolhe os tremulos arbustos,
Sentado em seus umbraes, este varão constante
Vê seus filhos que vêm, sorri, corre adiante. . .

Um joven estrangeiro então detem seus passos,
Não ousa, extranho ahi, lançar-se-lhe nos braços.

"Oh joven, cuja lyra afinam doces musas,
A amisade, o meu lar, filho não m'os recusas?"

Sorrio-se o forasteiro, a nivea face córa. . .
Virginea timidez dá-lhe realce agora.
Era tão lindo o moço, e a lyra nos seus dedos
D'essa edade d'amor dizia mil segredos!
Vinha á festa d'Homero. E Glauco que sorria:

"Forasteiro bem vindo! oh traz-nos a alegria."
Entram no alvergue chão; brinca o fiel rafeiro,
Fareja, desconhece. . . alfim vem prezenteiro
Lamber timido a mão, que o rude affago acceita;
Reconhecido aos pés do hospede se deita.

Era o poeta Antimaco, mancebo
De Colóphon, em quem mal despontava
O louro e fino buço, como o vello
Do sazonado pômo que o sol doira.
Na lyra e no semblante parecia
Gemeo do filho joven, mais querido
Dos filhos do pastor. Sentam-n'o á mesa,
Mel do Hybla, nepenthes, a abundancia,
Rodeam todos o hospede bem vindo.
De Zeus no altar depõe o moço a lyra,
Conversam. Fala então o velho:
"Oh nunca
Da hospitalidade as leis violadas
Hão sido no meu lar. Assim os numes
Quizeram que em meu lar achasse abrigo
O perseguido Homero! Tanta gloria
Hoje me inunda em pelago de goso.
Os remeiros da Phócea abandonaram-n'o
Cego, pobre, indefeso sobre a praia!
Era eu joven ainda, e conduzia,
Ao pôr do sol, para o redil o armento,

Quando escutei a queixa dolorida.
Fui apoz a harmonia. Sacrosanta
Era a fronte do velho, a branca neve
Que em flocos vem dos pincaros do Athos
Pareciam os aneis de seu cabello.
Panal de mel dos labios se estillava,
Era um Deos que baixava á terra, Jove
Quando chegou ao alvergue de Philemon.
Desde esse dia um jubilo constante
Povoou minha choça; a esta meza,
N'esse mesmo logar que agora occupas,
Homero se assentou!"
O hospede ouvia,
De admiração suspenso! o enthusiasmo,
Fogo da inspiração lhe arde na mente,
Para vencer na festa a que viera
Os cantores da Grecia. O velho torna:

"Tu que de longes terras vens, transpondo
Os mares rugidores, vendo povos
De extranhas regiões, dize-me agora,

Oh meu hospede, acaso lá se canta
D'este divino Aédo o augusto nome?"

Antimaco afastando seus cabellos
Longos, doirados, sobre os guapos hombros,
Assim ao velho respeitoso volve:

"Quem não hade cantar o nome excelso
D'aquelle que pagava o agasalho
Com hymnos immortaes?" Do velho Glauco
Pende a serena fronte sobre o peito,
Envolvida na nevoa da tristeza;
Apoz longo silencio mesto exclama:

"Tu que tambem entendes os segredos
Que a lyra espalha ao vento, e recebeste
Doce beijo das graças, ouve, Antimaco!
Vê como os Deuses perseguiram tanto
E os homens crús o immortal Aédo?
Como em trevas o deixaram, misero,
Entregue aos riscos de viagens longas,

Rodeado de extranhos, desprezado?
Os filhos de Thestor roubam seu plectro,
Os remeiros da Phócea o abandonam
Sobre as ribas de Chio. Elle, como aguia
Que fita o sol e cáe no val profundo,
Morre d'Ios na ilha!"
N'este instante,
O silencio do velho interrompendo,
Antimaco lhe diz:
"Oh Glauco, os annos
Dos casos transitorios d'este mundo
Te dão conhecimento; só tu podes
Explicar seu destino escuro, incerto.
As cidades que o vate repelliram
Madrastas duras, todas querem hoje
Ter a gloria de ser seu berço; Cymo
Chio, Smyrna, Collophon já reclamam
Este rival do nume da harmonia."

—"Oh meu hospede (o velho acode, a fronte
Envolta n'uma auréola divina)

Como se vê por noite horrenda e feia
Mais scintilar o brilho de uma estrella,
A morte, assim, o genio ostenta ao mundo."

"Por isso lhe alevantam hoje altares!"

Parou, medita absorto! e quando a alma se enluta,
D'uma alegria immensa ao longe a voz se escuta;
Era a turba cantando em santo desvario
O vate que aportára ás ribas da alta Chio.
Iam cantando em côro o dia em que a sua ilha
Ouviu d'aquelle plectro os sons, a maravilha!

A tudo o frenesim do jubilo transporta,
Toma Antimaco a lyra, Glauco vem á porta;
E como vôa a pomba ao vêr outras em bando,
Hospede e filhos vem, confundem-se cantando
Na multidão que passa, em seu grito sincero
Fazendo a apotheose ao perseguido HOMERO.

494116

SÉMIDA

(Pastoral biblica)

SÉMIDA filho da Viuva de Naim	A VIUVA DE NAIM
CIDLIA, filha de Jairo	A ESPOSA DE JAIRO

JESUS — CÔRO

I

No horto da esposa de Jairo, assombreado de palmeiras, e á hora mais silenciosa da sesta; — Cidlia adormecida.

SÉMIDA *ao vêl-a:*

Tambem na solidão d'invio dezerto
Amor e vida existe,
Como d'harpas eólias um concêrto;
Mas um concêrto mavioso e triste.
Assim, ao quieto lago sobranceira

A palma adorna o magico oasís;
E ao longe cresce e vive outra palmeira
Que os mysterios do amor ao vento diz!
Na miragem ardente enamoradas
Sobre ellas fresco orvalho cáe do céo!
São pelo mesmo sôpro bafejadas,
Sôpro amigo que apressa o hymineu.
Como noivos se vestem; novas flores
As toucam, vôa o pollen como um beijo:
São assim nossos candidos amores,
Pelo mundo te sigo e não te vejo!
Se te lembras do olhar em que disseste
Segredos de ideal melancholia!
Quando voares á mansão celeste,
Vôa apoz ti tambem minha alegria.

CÔRO *das festas de Naim, ouvindo-se distante*:

Nota dispersa
D'harpas do céo!
Vela submersa

Pelo escarceu,
Cantico d'ave
D'outro paiz;
Nectar suave
Taça de onyx;
Ouro e incenso,
Ostia do altar;
Biblia em que penso,
Concha do mar;
Rosa que á sesta
Languida cáe,
Dá vida á festa,
Ergue-te, vae!

SÉMIDA *junto da Virgem adormecida á sombra das palmeiras*:

N'aquellas tardes, quando
Furtivo olhar me lança,
Olhar suave e brando
Com que o empyreo alcança,

É triste! aonde o fita?
Quem sabe? ou no que pensa?
Baixa-o á selva extensa,
Que o oéste passa e a agita.

A selva escura é a vida,
Deixar lutar o vento!
É doce o soffrimento,
Volupia dolorida!

E quando a vista espraias
Por essas margens verdes,
Ao longe a vista perdes
No azul de ignotas praias:

Oh vem moça e menina,
Repousa do cansaço;
Sorrindo, no meu braço
O debil corpo inclina.

Assim a veloz corça
Ao pé d'arvore enorme,
Descança e quieta dorme
Em quanto cobra força.

Assim abraça a vide
Da faya o curvo tronco,
É n'um penhasco bronco
A hera se divide.

Vem pois moça e menina,
Repousa do cansaço,
Sorrindo, no meu braço
O debil corpo inclina.

CIDLIA *acordando e lançando mão de sua harpa, possuida de inspiração divina:*

Psalmo

Porque é que o borborinho das cidades,
O vozear da turba,

Similhando o rugir das tempestades
A santa paz perturba?
Como é bella a mudez da soledade
Longe do vulgo insano,
Senhor! tendo por templo a immensidade
E por altar o oceano.
No verme que rasteja, em cada planta,
Na dôr que me consome,
Sinto em tudo uma cythara que canta,
Exaltando o teu nome!
Porque déste, Senhor, o pensamento
Á mente que divaga?
Aspiro, e o aspirar é meu tormento,
É d'alma a funda chaga!
Désses-me antes da crédula rudeza
Os desejos mais puros!
Não prescrutára as leis da natureza
E os arcanos futuros.
Porque eu vejo, Senhor, que orbes sem conta,
Thuribulos immensos,
Que no espaço, girando, a mão aponta

Te elevam seus incensos.
E percebo o trovão, quando rimbomba,
E os rugidos do vento!
Ouço o abeto que estala e rouco tomba
No abysmo sedento.
E vejo a flor viçar, zumbir o insecto,
E despontar a aurora,
Tudo obedece, e o homem, teu dilecto,
Pergunta porque adora?
Por isso ao coração déste a agonia,
Aos labios o queixume:
E déste a contricção e a harmonia
Para exaltar-te oh Nume!

SÉMIDA *não podendo olhar a irradiação que a Virgem tem em volta do semblante:*

Ouvindo a tua prece,
A tua prece augusta,
A crença é mais robusta,
Com ella a dôr se esquece.

CIDLIA *abraçando-o e velando o rosto com o manto:*

És tu, Semida? um anjo n'este instante
Nas azas brancas a librar-se alegre
Do meu lado voou. Sonho ditoso!
A melodia de tão meigas falas,
Aroma ethereo dos cabellos d'oiro,
Tudo sentia. Erguendo o ténue manto
Falou do nosso amor. . . Triste segredo!
Veio dizer que ao céo minha alma aspira,
Que lá, só lá o amor póde enlaçar-nos.

SÉMIDA *erguendo-lhe o véo:*

Á sesta na hora calida,
Na hora mais lasciva,
Sorrindo, pensativa
Te vi, languida, palida.

Se o seio te palpita
Acaso descoberto,
Eu vejo e leio ao perto
Mysterio que o agita.

Teu seio é templo e ara
Em que deponho a vida!
E és mesmo adormecida
De tua graça avara?

Timida o occultaste
No transparente manto,
Recebe o intimo pranto
Oh flor pendida na haste!

Não findas este anelo?
Augmentas mais o enleio;
Escondem-me o teu seio
Aneis d'esse cabello.

CÔRO *das festas de Naim:*

Rosa que á sesta
Languida cáe,
Dá vida á festa,
Ergue-te vae,

SÉMIDA *dando-lhe uma grinalda, quando ella vae unir-se ao coro das Virgens:*

Sonho d'amor, porque tão cedo passas?
Doira-me de esperança os dias meus!
Vim vêr-te e despedir-me—parto em breve,
Vou a Jerusalem, adeus, adeus.

Cidlia abraça-o como dizendo um segredo doloroso; vai para as festas de Naim. Semida fica pensativo um instante:

Se uma mulher um dia me dissesse
N'um extasis d'amor— sou toda tua!
Lançando-se em meus braços delirante,
Sem poder dizer mais, tremula, nua. . .

Em ondas de harmonia a arrebatára,
E ao dizer-lhe em segredo—como és bella!
Descobrira o thesouro de meus sonhos
Dera-lhe tudo, até morrer por ella.

Levado na torrente luminosa,
Crearia outros sóes, e egual a Deus,
O mundo me seria éden de encanto,
O *fiat* um volver dos olhos seus!

Reflecte-se-lhe no semblante a melancholia indizivel do pressentimento

Que importa que a ave emigre
Ao vir da quadra hyberna,
Que a tetrica caverna
Occupe o fero tigre;

Que o nauta tenha o porto
No horror da tempestade,
Se eu só, na flor da edade,
Não acho algum conforto.

Exit.

II

Apparece em tropel o côro das Virgens da festa de Naim, trazem Cidlia desfallecida.

A ESPOSA DE JAIRO, *vendo-a*:

Hontem vi-a gentil, deslumbrante,
Solta a trança ondulando no ar!
Louca, louca a dansar delirante,
Como a sylphide aeria a scismar!

Como n'haste estremece a corolla,
Como os flocos do incenso no altar;
Como a onda que se ergue e se enrola,
E resvala no espelho do mar.

Como á noite o fugaz meteóro
Pelos céos erra e some-se alem!
Como a lagrima ingenua do choro
Se desliza por faces de mãi...

CÔRO:

Hoje é palida! e no collo
Da mãi afflicta se inclina,
Como a candida bonina
Tem á sesta egual pendor!
Fez na dansa hontem doze annos,
Hoje a mãi que a acaricia:
"Será—comsigo dizia,
Primeira idea d'amor?"

Hoje é palida! não vêmos
Que a seu tempo a alegre messe
Tambem nova, amarellece,
Treme, ondêa além no val?
E que o sol que doira os dias
Traz a côr que esmalta o pômo,
Que parece d'oiro o assômo,
Que dá vida ao laranjal?

Eil-a palida! em silencio
Ero e Psyche, abraço ethereo
Na sua alma com mysterio
Dão, celebram hymineu!
Desmaia como um semblante
Quando a lua o illumina,
Porque, brincando *menina*,
Senhora desfalleceu.

Sáem. Levam Cidlia ao encontro de Jesus para que a ressuscite.

III

A Viuva de Naim chora ao vêr morta a amante de seu filho; ouve-se distante a canção d' peregrino que volta á patria.

A VOZ, *distante:*

Eis meu lar solitario na encosta!

A VIUVA, *avistando o filho:*

Lá parou! melancholico o fita. . .
Sobre o monte Moysés não medita
Vendo a terra que aponta o Senhor?
Pára, olhando o seu tecto dezerto,
Mas de jubilo o pranto desata,
Rasos d'agoa seus olhos dilata
Pelos campos e sitios d'amor!

SÉMIDA, *de mais perto:*

Foram estes os sitios queridos!
N'esta selva de muda espessura
Confidente inda a brisa murmura,
Foi á luz de um tão meigo luar!
Ella disse: "Talvez que na volta. . .
(Se me lembro! fatal despedida,)
"Como a dhalia sobre a haste pendida,
"No sepulchro me venhas achar!"

Eu lhe disse sorrindo—Quem sabe?
Do sepulchro heide triste ir em torno;
Dá-me o braço de niveo contorno,
Quero entrar n'esse thálamo frio!
Murmurando o cypreste, hade á noite
Sobre o vale dos prantos e dores,
Embalar nosso somno d'amores,
Mal que passem as auras do estio!

O CÔRO, *seguindo-o:*

Eil-o entrando no horto saudoso,
Geme triste, lembrando-se d'ella!
Viu á tarde fechada a janella,
Murcha a linda, virente cecem!
"Talvez morta!" Presagio funesto,
Morta já sua timida amante?
Entra em casa febril, delirante,
Cae, chorando nos braços da mãi!

SÉMIDA *acorda do lethargo, escondendo o rosto no seio de sua mãi; a viuva de Naim ouve-o lavada em lagrimas:*

Minha mãi! vêde a aurora que nasce,
Vêde alegres abrirem-se as flores!
Como as aves, falando d'amores,
Vagam soltas, contentes no ar!
Tudo ri! a torrente murmura,
Mesmo a brisa cicia indolente...

A VIUVA:

Só a mãi, com seu filho doente
Não se alegra, só pode chorar!

SÉMIDA:

Minha mãe! vêde o sol que apparece!
Sinto em mim fugitiva harmonia;
Quando tudo se alegra no dia,

Porque choras, não folgas tambem?
Porque é, que esse pranto desliza
Pela face, e na face te escalda?

A VIUVA:

Filho, choro!.. da minha grinalda
Cáe a flor, filho, choro, sou mãi!

SÉMIDA:

Minha mãi! nos teus braços me aperta,
Dá que encoste meu rosto ao teu seio!
Que me abrace a teu collo...

O CÔRO, *vendo-o desfallecer:*

Ai, em meio...
Pende exhausto! sorrindo cahio!

A VIUVA, *anciada:*

Filho, alegra-me! oh dá-me um sorriso,
Porque os olhos formosos me escondes?
Não tens pena de mim? não respondes?
Não respondes? Ah, palido! frio! . .

Jesus acompanhado de um immenso tropel. A Viuva lança-se-lhe aos pés soluçando:

JESUS:

Socegada em seu lar, toda carinhos,
Mãi, anjo na familia, a doce fala
Quem lhe ensina, quando ella meiga embala
O somno da innocencia a seus filhinhos?

O arroyo que serpêa entre os espinhos,
Os effluvios que a flor no prado exhala,
Os gemidos do armento quando bala,
A meiguice das aves nos seus ninhos:

Não revelam a graça que se encerra
N'este sonho da infancia breve e ledo,
N'este nome de mãi, vivo segredo,
Que Deus transmite aos corações na terra.

Pedes que mude a noite em linda aurora?
O pezar no enleio d'um sorriso?
O mundo no vergel d'um paraiso?
Como Deus pode tanto a mãi que chora.

Jesus ergue nos braços o filho da Viuva, e ao beijal-o na face elle acorda. Cidlia apparece radiante de candura.

SÉMIDA, *correndo para ella*:

És a pomba que á tarde suspira,
Sensitiva que ao vento languesce;
Tenue corda d'uma intima lyra,
Harmonia que a dôr adormece!
És um sonho sonhado por mim,
Riso meigo d'algum seraphim.

CIDLIA:

Sem sol, pendida n'haste
Murchada a flor bem viste!
Ah, como a ausencia faz-te
Andar languido, triste. . .

SÉMIDA:

Se te não visse
Não vira o céo,
A reflectir-se
N'um olhar teu!
Nem vira ao menos
Doidos acenos
D'anjos pequenos,
A erguer-te o véo!

Se te não visse
Pálida flôr,
D'esta doudice

Sentira a dôr?
Dôr!? n'alma a trouxe,
Se ella não fosse,
Martyrio doce
Não era amor!

Se te não visse
Não vira a luz,
Onde o olhar fixe,
Que me conduz!
Luz no dezerto
D'um mundo incerto,
D'um céo aberto
Que me seduz!

Mudez querida
D'este palmar,
Tudo convida
Na selva a amar!
Diz, como cala
Teu labio a fala

Que o amor embala
No seu scismar?

CIDLIA *apertando-o nos braços doudamente; chora lembrando-se do voto de Jairo:*

Ah, sem poder amármo-nos na vida!
Virgem a Deos meu pai me offereceu;
Na terra só a esperança dolorida,
O amor, o amor no céo.

NA TORRENTE DE CÉDRON

Sentado em fria pedra, em plaga estranha,
O velho, d'olhos fitos na torrente,
Sentia n'alma a dôr, que dôr tamanha!
Ao esperar a estrella do Oriente.

Soltas cans de Vidente fluctuando
Ao vento, já da vista extincto o lume,
Tornavam seu aspecto venerando,
Davam mais vida ao intimo queixume.

Contemplava das tribus a ruina,
Com que esperança no futuro dia!
E ao vêr que uma impia raça as contamina,
Cantava assim n'um canto d'agonia:

"Nunca mais ha-de ouvir-se a harpa saudosa
Do filho de Israel!
Pendida no salgueiro hão de feril-a
As brisas em tropel!

De espaço a espaço nas soidões do exilio
Seu ecco soará!
Talvez suavise o cantico remoto
As iras de Jehovah."

Calou-se! muda lagrima fervente
Nas faces murchas, palidas deslisa!
Encosta a fronte á cythara plangente,
Segredos ao passar lhe diz a brisa.

O vôo d'aquella mente foi altivo,
Perdido no infinito immensuravel!
E sorria, sorria o ancião cativo,
Vergado sob a angustia incomportavel:

"As Virgens de Israel, collar de perolas
Que mão impia quebrou,
São como os lyrios, que no fundo valle
A rajada tombou.

Suas virgineas, candidas grinaldas
Nem já lhes deixam pol-as!
Oh, como silenciosas me parecem,
Do sacrificio as rôlas!"

Mas como o tropear d'asperas hordas,
O tufão sacudio os arvoredos;
Desde esse instante nas quebradas cordas
Não dedilharam mais os mortos dedos.

A PEROLA DE OPHIR

(Drama indiano)

VIRUPA, velho eremita	UM EREMITA
VAMADHEVA, sua filha	MENSAGEIRO
MAGHAVAN, principe proscripto	CÔRO

Nas margens do Cabul — No reino de Maghavan.

I

A POMBA FERIDA

Na planicie do Pundjab, ao nascer do sol. Vamadheva, a virgem timida, aproxima-se das margens do Cabul para encher o seu cantaro.

Hymno da virgem ao sol

TUDO se alegra e exulta!
Eu só não sei que sinto
Ao vêr como radiante
O sol no espaço brilha.

Olhar de luz—acorda
Pela amplidão o dia!
N'um magico relance
Dá côr, vigor, anima;
Ás aves traz o canto,
O doce afago ensina;
Vem esmaltar os prados,
Dar á vergontea a brisa,
Brisa travêssa, louca
Com quem confidencía.
Tudo revive, sente
A graça, o fogo, a vida!
Tudo o saúda e eleva
Uma toada vaga,
Perdida na harmonia
D'este concerto immenso
De espheras infinitas!
Tudo se alegra e exulta,
Eu só não sei que sinto!
Que véo me acena ao longe?
Em vão tento seguil-o.

Que mão branda me impelle?
Que ardor em mim se agita?
Aves gorgeam, palram,
Gemem ribeiros mansos,
Os canaviaes ciciam;
Das veigas tapetadas
De vecejantes flores
Rescendem os matizes!
Tudo se alegra e exulta,
E eu só na immensa festa
Não sei dizer que sinto.

UMA VOZ *de entre os juncos*

Como é suave este canto! só o imita
Um suspiro d'amor. Oh não te escondas,
Apsara encantadora do meu sonho;
Escuta o grito em que minha alma vôa!
Deixa vêr-te! sê flor que desabrocha;
Amar-te, como o aroma que se aspira,
Morrer ferido por teus olhos vivos.

VAMADHEVA, *para si, como suspensa, indecisa*

Que voz magoada e triste! que segredos
Virá dizer o frémito da aragem
Nas ramagens flexiveis que baloiçam?
Quem traduz a expressão d'esta verdura,
Do perfume, do orvalho, do murmurio
Dos crystalinos rios? Sou acaso
A irmã da natureza, a confidente
D'harmonias reconditas d'amores?
Como, esta luz que o sol espalha, o encanto
Da campina orvalhada, os sons eólios
D'harpa remota que suspira longe,
Vem responder ás vozes interiores?
Sinto a alegria que a toada inspira,
Ancia da vida, o riso, o amor, loucura. . .

Aproxima-se da margem do rio para encher o seu cantaro na corrente, e descobre entre os juncos deitado um mancebo ferido, desfallecido.

Ensanguentado! só? *(Deixa o cantaro e foge.)*

A VOZ, *extenuada*

Hora tão breve!
Foi illusão da mente desvairada,
Depressa me abandona! Ah como é triste
Vêr as flores da vida desfolharem-se,
Por thalamo a frieza do sepulchro!
Desfalleço e á mingoa d'um consolo;
Rala-me o ésto da febre, a ardente sêde.

VIRUPA *conduzido pela filha*

Ensanguentado! só? Dize-me, filha,
Aonde o viste? o susto te desbota
A côr da face candida, mimosa!
Abandonado? aqui?

VAMADHEVA

Leve suspiro
Confunde-se com a aragem que cicia,
Não deixa ouvil-o a múrmura corrente.

VIRUPA

Deixaste aqui teu cantaro vazio;
Porque desmaias? *(Descobre o moço desfallecido.)*

Filha, o peregrino
Cansado e poento em nosso lar conforto
Encontra sempre! E escondes tua face,
Agora ao triste, misero, ferido?
Vem, unamol-o ao seio. Inda respira. . .
O debil peito bate!

VAMADHEVA *para si*

Como é bella
A palidez mortal, que traz pintada
No macerado rosto! os roxos labios
São pétalas da flor, quando emmurchece.
Que lividez nos membros delicados!
Vão as aguas gemendo os seus pezares!
Parece a pomba quando cáe ferida
Na torrente, e se vai perder ao longe,

Longe do ninho sobre a rocha alpestre.
Tão creança, perdido! acaso as feras
Na espessura da selva o accometeram?
Cansado nas fadigas da caçada,
Repousando talvez, adormecido
Um áspide o ferisse aqui. . .

VIRUPA

Oh filha,
Que importa d'onde volta o forasteiro?
Quem pergunta ao orvalho quem o manda?
Á andorinha d'onde vem? Escuta:

Hoá levava os annos da existencia
Nas boas obras enlevado; ria,
Com intima alegria, ao vêr seu tecto
Para o viandante extenuado aberto.
Nada abrandava o amor que o possuira!
Sin o deus, se mudou em peregrino,
Quiz ver sua constancia: o velho á porta
Vem logo recebel-o, mas no encontro

O deos conhece, e no transporte immenso
Que a estranha vista causa, a alma lhe vôa
Para a eternal mansão das primaveras,
Onde em delicias das gandharbas lindas,
Na eterna essencia, qual no oceano o orvalho,
Sua alma se confunde!

VAMADHEVA *sobresaltada*

Ao longe agora
Um ruido d'armas ressoou; relincham
Distantes os corceis. . .

VIRUPA *attento*

É ainda a guerra
Nos plainos do Pundjab! árdidas filas
De Maghavan o sceptro hoje disputam.
Deixal-as! Santa é a paz do ermiterio!
Levemos o ferido; se ante o nume
Fôr perfeita a intenção do nosso amparo,
Elle o hade acordar de novo á vida.

Levam-n'

II

O CONVALESCENTE

No ermiterio de Virupa, escondido entre magnolias, cercado de alegretes de flores.

VIRUPA *junto do mancebo*

Chora-me o coração vendo-o prostrado,
Planta mimosa que o tufão derriba!
Nem os labios traduzem suas dores.
A fragil vida lhe devora a febre!

Cedo a flor de seus annos se desfolha;
Dóe-te? Filha, lamenta o seu destino!
Talvez que as tuas lagrimas sentidas. . .
Como o orvalho suavisa a flor que pende,
Talvez que o chame á vida o doce pranto.
Eu vou por esses valles á procura
Das ervas mais balsamicas; com ellas
Hão de cerrar-se tão profundos golpes.

O MOÇO *delirando*

Como no duro embate as hostes fremem!
Sob os corceis alígeros retumba
A planicie; no estrepito das armas
Confunde-se o estertor das agonias!
Quero lançar-me ao férvido recontro!
Meu sceptro brilha á luz do sol ardente,
Eil-o me cáe das mãos! Quem m'o descobre
Entre as lanças espedaçadas? Corre
Na fuga o meu exercito aguerrido. . .
Eu só, ferido, em terra! O meu Imperio!

Tenho ainda vigor no lance extremo!
Quero avançar! quem me detem? Perdido.

Acorda no esforço que faz estorcendo-se para erguer-se; depois cáe outra vez desfallecido. Vamadheva approxima-se d'elle, afasta-lhe o cabello do semblante, enxuga-lhe o suor.

VAMADHEVA

Não posso supportar a magoa intensa
Que o seu delirio causa! Desfalleço,
Morro do amor que dôr tamanha inspira.
Ferido na batalha mortalmente!
Ah, dera a vida para tel-o salvo,
Creança, no vigor da edade alegre;
Lê-se a expressão da infantil candura
Nos labios retalhados pela febre;
Que fogo lhe incendea a face linda?
Bate o peito apressado, ouço lá dentro
Ralo da angustia acerba que o confrange.

Como estas mãos tão brancas, delicadas
Poderam sustentar a lança crua!
Como o ferro brandido com violencia
Veio tocar-lhe o corpo, pômo d'oiro,
Que sobre a sarça cáe tocado ao leve!
Suspira! em vão sacode os braços debeis;
Exangue ao peito os leva! Que demora,
Meu pai sem vir? e abondonado expira!

O mancebo abre os olhos magoados e fita os da donzella.

Um riso doloroso nos seus labios
Transparece de subito. Procura
Com a vista desvairada...

O MOÇO, *com pasmo, vendo-a*

É ella! a mesma
Que me acordou, cantando, do lethargo!
Como não heide amal-a! *(Alto:)*

As tuas falas
São balsamo saudavel que mitiga
O frenesim do vágado que prostra.
Tu me chamas á vida novamente,
E me levas comtigo a esses mundos
De indizivel ventura, e me arrebatas
Ditosa narteguí que no ar volteias.
Córas? temes? Não sou impio que toque
E turve o espelho da agua crystalina,
Que em si reflecte o céo, o azul immenso;
Nem tão duro, que sobre o chão sacuda
Gota d'orvalho que baloiça n'haste,
A mirar-se na luz do sol brilhante.
Não córes! é a mente que desvaira;
O soffrimento o juizo me aniquilla!
É sonho, acaso, quanto sinto e vejo?
Foi-se-me um sceptro; mas o amor, da vida
Renova a flor que eu via a definhar-se.
Tenho sêde. . .

VAMADHEVA *approximando-lhe dos labios uma taça de agua pura; elle bebe longamente. A donzella para si:*

Estas falas me endoudecem!
Sinto um languor suave que me prostra,
Uma alegria inquieta, que me impelle:
Será amor que o coração advinha?
Desata-se-me o pranto irrepressivel.

O MOÇO, *afastando a taça*

Porque choras assim? Mais bella ainda
Na tua dôr, que importa o meu estado?
Junto de ti já nada soffro! Agora
A vida me trasborda! É tão risonha
A luz do sol que a face te illumina.
A dôr é sombra que esse olhar ennubla;
Sinto vigor, não soffro. Por que deixas
As silenciosas lagrimas cahirem?

VAMADHEVA *deixando ir as suas mãos, apertadas entre as do moço*

Choro, por vêr que os dias passam breves,
E te esqueces de mim quando te fores;
Como as brisas que correm doudas, leves,
E não tornam a traz a vêr as flores.

Das virações que vão, se ouvir não deves
A mensagem que envio aos meus amores!
Choro, por vêr que os dias passam breves,
E te esqueces de mim quando te fores.

Ella desprende as mãos e esconde a face, timida; o silencio prolonga-se entre ambos. Vamadheva, indo a sahir

Vou tecer-lhe a grinalda mais virente
Das flores exquisitas do meu horto;
Talvez que no salem melhor traduza
O sentimento ignoto! A voz me falta.

Ouve-se o canto de um rouxinol entre as magnolias do ermiterio, interrompendo o silencio. Vamadheva apparece entrançando uma grinalda

Meu rouxinol sentido
Descança, que é tão alto
Teu doce gorgear;
Não causes sobresalto
Ao mimo dos amantes,
Que sonha adormecido
Sonhos de arrebatar!

Fui eu com meus arpejos
Que o quiz adormecer!
Com meus ardentes beijos
Chamal-o-hei á vida,
Matando seus desejos,
Tornando-os a acender!

Suspende o teu delirio,
Meu rouxinol pequeno,

Não cantes mais assim!
No seu rosto moreno
Vem pôr um branco lirio
Colhido em meu jardim!
Cingindo-lhe o semblante
A flor o acorda logo,
E assim com meu amante
D'amor se extingue o fogo.

Põe a grinalda na cabeça do moço que parece adormecido; acorda.

O MOÇO

Se te não vejo sinto o atroz desgosto,
O desespêro, o tedio da existencia;
Envelheço na flor da adolescencia,
Como a flor pende quando o sol é posto.

Que divina expressão brilha em teu rosto,
E reluz n'essa vaga transparencia,

Que faz sentir extranha confidencia,
Como o diaphano azul d'um céo d'agosto.

Sem ti o mundo é solidão escura!
Sem ti o riso é ancia de estertor;
Por isso a alma sedenta te procura.

Sem ti a esperança é sempre dôr,
Sem ti. . . se não parece isto loucura,
Como se hade chamar, senão amor?

VIRUPA *trazendo as plantas balsamicas*

Filho, começa a amar hoje a existencia,
Ri; n'este lar és a alegria nossa;
O passado, que á mente se afigura
Feio, horrivel, da tua mente affasta.
As nuvens do teu céo passam ligeiras,
Myriadas de estrellas o recamam;
Tenue vergontea que o tufão desfolha
Reverdece tambem, florí com vida.

És tu como ella, sim? bem vinda a hora
Que o tecto meu sanctificaste: filho,
Porque estás sempre triste, e absorto scismas?

O MOÇO

Sinto uma dôr que me enlouquece e encanta,
Eu não morrí, mas desampara-me a alma.
Desmaio ante a luz que me dá vida!
Fujo da sombra que ao dezerto imploro.
Não sei o que me inquieta e contraría
A vontade suspensa!

VAMADHEVA

Talvez. . .

VIRUPA

Amas?

*

III

O ANEL DE REI

Virupa adormecido — Maghavan e Vamadheva brincam distrahidos.

MAGHAVAN

São teus olhos, quando brincam,
Douda lagrima infantil!
Trémulas gotas de orvalho
Na vergontea a mais gentil:

Inquietas na haste flexivel
À brisa as vem confundir;
E a dor as lagrimas soltas
N'um collar as sabe unir.

Assim teus humidos olhos
São, se fito a negra côr!
Elles, são gotas de orvalho,
Estes, lagrimas de amor.

Teus olhos a amar me ensinam,
Os meus gostam de aprender;
Quanto mais te vou amando
Mais sei que cousa é viver.

VAMADHEVA

Dá-me a conta das estrellas,
Dar-te-hei outros tantos beijos!

MAGHAVAN

Bella! as estrellas são tantas
Como eu sinto de desejos.

VAMADHEVA

Conta as areias dos mares,
Dou-te outros tantos abraços!

MAGHAVAN

Ai! as areias são tantas
Como a ti me prendem laços.

VAMADHEVA

Ganhaste a apósta tão cêdo!

MAGHAVAN

Por que não ris, e só córas?

VAMADHEVA

Teus abraços dilaceram,
Nos teus beijos me devoras!

Sonhei comtigo. Um sonho tão formoso!

MAGHAVAN

Lembras-te ainda?

VAMADHEVA

O amor nunca se esquece!
Adormecido n'um vergel de flores
Fui encontrar-te! —Ai noite silenciosa—
Ao clarão do luar saudoso e vago.
Sobre teu peito, perola brilhante
Tremeluzia vívida! Pergunto
Receiosa a mim mesmo—um deus por certo
Veio honrar nosso alvergue?

MAGHAVAN

O amor illude!
A perola que a vista te deslumbra
É d'este anel. . .

VAMADHEVA

Anel de rei. . .

MAGHAVAN *completando a phraze*

Vencido.
Irmãos crueis do reino me despojam;
Na batalha sanguenta derrotado
Junto ao Cabul me acouto perseguido.
Dilacerado, escondo-me entre os juncos.
Foi ali que te vi! Se um dia o throno
Reconquistar de novo, acceita o élo
Que hade cerrar de amor nossa cadeia.

Dá-lhe o anel.

VIRUPA *acordando*

Sois Maghavan? um rei em nosso alvergue!
Ah, não ter braço para as armas prompto,
Não ter o fogo dos virentes annos,
Para dar hoje em prol de vós a vida!
Velhice vergonhosa, que me prostra,
Que só me augmenta mais o desespêro
De não poder brandir na dextra o gladio,
E dominar as árdidas phalanges,
Dar-vos patria e um throno merecido.

MAGHAVAN *para a virgem*

Occulta-lhe o mysterio das palavras
Que ao dar-te o anel te disse. Se o descobre,
Repentino desgosto a tua vida,
E o thalamo, o porvir, a ideal ventura,
Combaterá de subito! Triumphas?

Fica pensativo.

VAMADHEVA

Porque estás triste? o sol que resplandece
Offusca-se entre os nimbos do occidente;
Que magoa assim te ennubla essa alegria
Que tinhas junto a mim, se ambos scismando
A mudez exprimia o extranho anceio?
Essa alegria que era o enlevo d'alma,
Loucura de esperança fugitiva,
Expressão d'um sentir que se não fala?
Porque estás triste?

MAGHAVAN

É a hora da partida.

VIRUPA

Vai, como a sombra siga-te a ventura!
Ave que emigra da região distante,
Assim na tua patria aches abrigo!

O throno, o sceptro alcançarás e a gloria.
Ante teus pés o oásis sempre encontres
Onde mates a sêde abrasadora,
A fresquidão da palma do dezerto,
O repouso no somno passageiro;
O conforto no lar onde te alvergues,
O carinho na mão que te receba!
És como a haste arrancada do seu tronco,
Que vai florir bem longe transplantada;
Eu choro! Pobre filha, ella nem fala.

MAGHAVAN *para o velho*

Ás horas de agonia e desalento
Aqui deste-me a vida, a esperança;
Era o que tinhas. Que mais ha no mundo
Que alimente a aspiração anciada?
Ferido, abandonado, achei teus braços
Abertos para mim, estremecidos!
Ao meu gemido um cantico responde,
Voz sentida de amor, voz que adormece,

Pungir acerbo de cruciantes dores!
Para os golpes um balsamo saudavel,
Lagrimas puras foram orvalhadas
Na planta debil, que o tufão quebrára.
E eu vou deixar-te. Instante passageiro
Que gera a immensidade da tristeza!
Vou, como a folha que o nordeste arranca,
E pelo chão arrasta e vai perdida!
Bem vês, sou como a flamula ondulante
Que a hoste impelle, e para traz acena;
O destino me leva! Para onde?
Quem sabe? Busco um sceptro que hei perdido.

VAMADHEVA

Sem ti, como serão tristes os dias
De tanta soledade em que nos deixas?
O rouxinol saudoso e confidente,
Que á noite, ao luar, cantava no arvoredo,
Preludiando o sonho em que embalavas
Minha alma n'essas falas que dizias,

Não mais virá soltar a andeixa ociosa,
Nem lembrar-me essas horas que passaram
Como uma estrella errante em noite estiva.
As flores engraçadas, tão virentes,
Que em meu jardim nasciam luxuriantes,
Com que eu tecia as candidas grinaldas
Para ornar-te a cabeça, que pendia
Em meu regaço ás vezes, murchas hoje
Não mais hão de exhalar tantos perfumes,
Embalsamar o ambiente, onde sósinhos
Scismando nos voava a existencia.
Foste o frouxel d'uma ave, a aza do vento
Trouxe-te aqui distante; haste flexivel
Prendeu-te a si, e o vento hoje te leva.
O mesmo sôpro essa vergontea esfolha!

MAGHAVAN *para si*

E não ter falas com que a dôr exprima!
Não ter nos olhos lagrimas copiosas!
E sinto o frenesim d'esta agonia!

O que posso dizer com que a console?
Como ella cáe exhausta entre meus braços.

Alto:

Um dia perguntavas-me: "Que dores
Te fazem triste, ou qual pressentimento
Se afigura de longe ao pensamento,
E acorda o sonho de intimos amores?"

Lembra-se-me o porvir! lembram-me as flores,
Que não tem sol, em ermo estiolamento;
Lembra-me o adeus do nosso apartamento,
O horror da vida, se esquecida fôres.

Duas palmeiras quando estão distantes,
Remota viração da soledade
Leva a doce mensagem, são amantes.

Nós temos uma egual felicidade!
Para alentar o amor como era d'antes
Abre-se n'alma o vago da saudade.

Exit.

IV

VAMADHEVA

Na solidão do ermiterio.

VAMADHEVA

Quando o tinha a meu lado, ria louca,
O amor me endoudecia, era um folguedo
Cada instante da vida. Hoje a tristeza
Enluta quanto vejo; o sol que nasce
Não traz aquella luz radiante e bella;

A lympha que suspira, não exprime
O som mavioso d'um faminto beijo.
Não sei para onde vôa a pobre mente,
Desvairada, perdida. Para onde olho,
Tudo me infunde tedio, o desalento.
Fujo do meu jardim, languescem tristes
Sem a amiga solícita essas flores,
Que o thalamo aromatico teciam;
Pendem á mingua d'agua; sou como ellas,
Desbota-se-me a face, foge o riso
Dos labios, que será isto que sinto?
Como são longos estes dias, triste
Esta planicie, atroz a soledade,
E o passado feliz, que desespéra!

VIRUPA

Que tens, filha? sempre erma e pensativa,
Nem descobres a dôr que te amortece,
Nem ouves as palavras que consolam?
Não te escondas de mim. Conta-me, filha,

Que desgosto recondito te punge?
Bem vês, vendo-te triste soffro tanto!
É o amor que te faz andar sósinha?
E te leva perdida pelas brenhas?
Que sólta de teus olhos esse pranto,
Que n'um scismar gracioso te embevece?

VAMADHEVA

Se é amor o que faz pensar só n'elle,
E acordar d'esse sonho a cada instante,
Sentir o desespêro do passado,
Amo tanto...

VIRUPA

Não chores, pobre filha!
Não sei se alimente uma esperança
Impossivel! Um principe como hade
Vir entregar-lhe aqui a realeza?
Mas quanto póde a força d'um destino!
Ah não chores assim! Dize-me, filha,
Elle amava-te?

VAMADHEVA

Deu-me o anel de esposa!
Vede-o; prende-me intima lembrança
A cada instante da angustiada vida.
(Para si)
Descobri o segredo! atroz desgraça
Agora me perseguirá; se o golpe
Sobre mim cáe de subito. . . Esmoreço!
Bem m'o dissera Maghavan um dia
Metendo o anel no dedo!

VIRUPA

Um eremita
Cansado e poento vem; a recebel-o,
Filha, corre, no teu regaço leva
Dos fructos mais saudaveis, odorantes.

O EREMITA

Ancião, a quem os annos já cercaram
A fronte d'uma auréola divina,
A teu lar me conduz a boa nova!

VIRUPA

Oh, dil-a!

O EREMITA

Aqui, um principe proscripto
Achou amparo e amor no teu alvergue!
De novo ha conquistado o excelso throno.
Elle hoje a ti me envia. Ouve a mensagem,
Das boas obras colhe cêdo o fructo.
Atraz de mim já chega uma embaixada,
Para aqui vim guiando-a sollicito,
Vimos buscar de Maghavan a esposa!

VAMADHEVA *lança-se nos braços do pai*

Ah não posso ir sem ti! Quem ha no mundo
Que me possa arrancar d'entre teus braços,
Sem me levar a vida? Choras! dize,
É a alegria que o teu rosto alaga
De lagrimas copiosas e ferventes,

Por vêr que hei de subir degraos d'um throno?
É a tristeza, o cruel pressentimento
De que heide abandonar-te, só, á mingoa,
Na velhice cansada e veneranda,
Que inunda os olhos teus roxos, pisados?
Não me aparto de ti!

VIRUPA

Acceita, filha,
O convite do teu real esposo!

Entra a embaixada

Eu sigo-te! seguir-te, para onde?
Como posso deixar meu tecto, abrigo
De tantos peregrinos. Onde, agora,
Terá conforto o misero viandante?
Como posso deixar o pobre alvergue
Que este arvoredo silencioso assombra,
Que eu vi nascer, por minha mão plantado?

Quem hade ouvir as aves quando cantam
Na ramagem ao pôr do sol, á tarde?
Quem virão despertar os passarinhos
Sobre o colmo deserto gorgeando?
A serpe despe o involucro mosqueado,
E eu não sou tão perfido como ella.
Deixar-te filha, ir só é impossivel,
O coração estala sob o peso
Do inesperado golpe. Eu vou comtigo!
O peregrino, o arvoredo denso,
O manso arroio, a ave que suspira
Hão de entender a dor que um pai supporta,
Perdoar-me, sentir a despedida.
Sitios da minha infancia, e dos amores
Que a vida aqui tranquilla me embalaram,
Rio plangente que trépido deslizas,
Adeus, minha alma vôa n'este grito.

Choram, a embaixada leva a donzella deslumbrante de graça.

V

O ÁSPIDE E A FLOR

Entrada de Vamadheva no reino de seu Esposo.

CÔRO

Quando a aurora desponta rutilante,
Recamada de aljofres matutinos,
Por virações travessas ladeada,
Que adiante vão graciosas derramando
O perfume das pudibundas flores,

Para enfeitar-lhe a rapida passagem,
Não vem tão bella como a real esposa.
Vamadheva! que amor seu nome inspira?
Irmã de Sacuntala, a flor mais linda
Dá palmares gangeticos. Uma ave
Quando parte d'algum paiz distante,
E traz ao colmo aonde poisa a nova,
A boa nova da estação das flores,
Não vem tão bella como a real esposa!
Vem languida das calmas do dezerto;
Como se inclina sobre o oppresso seio
Do venerando ancião, que lhe dá sombra
Como um vetusto cedro á tenra planta.
Vem triste! o desalento da fadiga!
Alegra-te, hoje em teu semblante puro
Ha-de fulgir corôa diamantina;
Para ti Maghavan conquista um sceptro;
Alto valor, a liberdade, a gloria
N'esses sonhos d'amor tu lhe inspiraste!
Como um orvalho que a abundancia espalha,
Assim nos traz ventura a real esposa!

VAMADHEVA

A anciedade de vel-o me enlouquece!
Não vem? porque será que se demora?
Ah não póde esquecer-me!?

VIRUPA

Porque choras?

VAMADHEVA

Fatal pressentimento!

VIRUPA

Fala!

VAMADHEVA

Temo...
Revelei meu segredo! atroz desgraça
Se me afigura já.

UM MENSAGEIRO

Cruel destino!
Não volta o rei do campo da batalha
Ao desfilar dos esquadrões ovantes;
Não se encontra o seu corpo entre o destroço
Dos recontros cruentos! Talvez morto?
A noite desce; inda ninguem o ha visto,
Desde que o sol é nado, anda perdida
A célere quadriga em que voava!

VAMADHEVA

Já morto o meu esposo? Vou seguil-o...
Duas gotas de orvalho crystalinas
Se se confundem trémulas, unidas
Cáem no chão que sequioso as bebe.
A morte é assim para um amor tão puro!
Vou na chamma apurar esta alma triste
Para fundir-se n'uma mesma essencia;
A labareda rubra seja a purpura

Que o magnanimo rei dá hoje á esposa.
O rico, excelso throno, é a ardente pyra!

Vai a precipitar-se na chamma; o pai chora na sua velhice

VIRUPA

Perder meu lar, ficar tambem sem filha!

O CÔRO

Como ella sobe aéria, deslumbrante!
Parece a prateada borboleta,
Não a amedronta o crepitar do fogo;
A luz dá-lhe a expressão encantadora,
Da bayadera as formas vaporosas!
Lá vai cahir. . .

Gritos do povo que a contempla.

Detem-te, Vamadheva!
Eis teu esposo que apparece ao longe!
Unido ao chão vem seu corcel na brida;
É elle! vôa em rapida carreira!

MAGHAVAN *sustendo-a*

Oh Vamadheva! oásis na existencia!
Desce a meus braços! chama-te a agonia
De vêr-te assim da sepultura á borda!
Vem abrazar-te n'esta chamma ardente
Do amor em que os teus olhos me inflammaram.

O MASTHODONTE

I

O sol em braza, ao longe no occidente
Desmaiado dardeja!
O torvellino varre o areal ardente,
Como faminta fera que fareja!
Onda apoz onda no dezerto agita,
D'um nimbo atro e poento o ár povôa;
Tal, por sobre a cidade impia e maldita
O flagello de Deus rapido vôa!

Mostra o simun de ingente masthodonte
Alva, gigante ossada!
Do sol que luz na extrema do horisonte
Jórra atravez luz palida, coáda!
Como as cavernas de galera enorme
Arroja o mar ao areal deserto,
O vento ergue o sudario do que dorme,
Faz do ranger do ossos um concerto.

II

Dialogo da Pyramide e o Masthodonte

A PYRAMIDE

Como surges e vens seco, mirrado,
Da penumbra do tempo, e assim te inquietas
Á luz? oh, conversemos do passado.

Sejamos como dois anachoretas,
A quem chamou de longe ignota fala,
E decrepitos vão já de muletas.

É minha voz o raio que me abala;
Responde pois com o ranger dos ossos,
E sirvam-nos os páramos de sala!

Vi baquearem imperios e colossos!
E erguer-se a humanidade triumphante,
Como Deos, creadora em seus destroços.

Venço impavida o tempo! espero adiante
Estar á sombra da Arvore da sciencia,
Quando este orbe fôr astro radiante,
E o homem tenha a angelical essencia.

O MASTHODONTE

Quando no seio a terra me trazia,
Contou como tambem foi clara estrella;
E que embebida em sua luz um dia
Deus affastára a vista de sobre ella!
Perdida como a nota de alguma ária
Dos córos mais jocundos,

Deixou-a em trevas, fria, solitaria,
Arrastada no turbilhão dos mundos!

E a terra a Deus se eleva pesarosa:
"Senhor! é santa a luz, se eu a contemplo,
Na sombra que me envolve, silenciosa,
E vejo, como alampadas de um templo,
Absortas n'essa graça que lhes déste,
Brilhar, bordando a cúpula celeste,
Minhas irmãs estrellas!
Oh deixai-me outra vez luzir entre ellas!"

—De que val o clarão que um sôpro apaga,
Que o espaço absorve, e tanto te fascina?
Se tens o Homem, cuja fronte alaga
Da intelligencia a luz alta, divina?—
E a terra immersa na gelada treva
Ouviu de Deus o perennal juizo,
E para berço do que tanto a eleva
Formou o paraiso.

III

Rangeu assim do altivo masthodonte
Branca, gigante ossada!
Do sol, ardente, na orla do horisonte,
Jorra atravez luz palida, coáda!
Como as cavernas de galera enorme
O mar engole no golfão aberto,
O vento passa e esconde a ossada informe
Na mole das arêas do dezerto.

A ODALISCA

Que férvidos abraços!
Que risos! que suspiros
Lá se dão!
E que osculos devassos,
Mais leves que os vampiros,
Por lá vão!

O ar é todo aromas,
Á vista é tudo festa
No harem!
E na indolente sésta
Amor destrança as comas
Com desdem!

Inventam-se disvellos,
Com mimo são acceitos
Lá, sem fim!
Nem fim tem os anélos
Sonhados sobre leitos
De setim!

Transluz alma faisca
No riso, nas beldades
D'uma hurí;
E a magica Odalisca
Da Grecia tem saudades,
E sorri!

O eunucho indifferente
Repara. . . entra, cobiça
Com que ardor!
A grega o enfeitiça,
E se olham mutuamente
Sentem dor!

Ao gymneceu vão juntos,
Da patria e amor da infancia
Falam só!
Dão beijos, muitos, muitos. . .
Aperta amor com ancia
Mais seu nó!

Apertam-se! da mente
Ao peito baixa o sonho,
Sonhado sempre em vão!
E cáem doudamente,
Mas o prazer risonho
Se muda em afflicção!

Da vida no dezerto
Que dôr! a eterna sêde
Não podem saciar!
Que luta em ambos! vêde
Que vacuo sempre aberto,
Que morte sem findar!

Mas como a luz se apaga
Ao sôpro violento
Depois de crepitar!
E como á flor, o vento
Que vem da ardente plaga,
A séca e vem tombar!

E como a corda estala
Vibrada com vehemencia
Por furiosa mão!
E o gelo, branca opála,
Lá perde a consistencia
Na cálida estação!

O eunucho não resiste,
No incendio do desejo
Os braços lhe estendeu!
Mas, como o som do arpejo
No ar se perde,—o triste
De subito morreu!

A DOR DO LEITE

Como era triste o vel-a! a mãi afflicta
Junto á praia do mar;
Pobre negra, ullulando, á nau da Europa
Dolorosa a acenar!

Roubaram-lhe o seu filho! ao seio ainda
O trazia, arrancaram-n'o do peito
Seu amor!
Roubaram-lh'o! enlouquece, delirante
Na rocha solitaria a vêr se o via
Se vai pôr!

Ao pôr do sol, á tarde, na agua viva
Da corrente, banhava com disvellos
O seu bem!
Orgulhosa de o vêr, de ver-se um dia
Retratada nas faces da creança
Ria a mãi!

Sorrindo olhava em roda! nos seus ninhos
A prole tenra e nova taes affagos
Gosa assim?
E banhava o seu filho na torrente,
Sorria a natureza, estava o dia
Já no fim!

Agua acima, remava barca leve,
Era a nayade inqueta a espreguiçar-se
Pelo rio!
A mãe sorriu mostrando-lhes o filho,
Os que vinham levaram-n'o! seus prantos
Quem ouviu?

E foi a mãi nadando apoz a barca ;
Sem saber proferir a voz dos impios,
Suspirou !
Suspirando, cansada, n'um penhasco
Que á flor d'agua desponta, olhando ao longe
Se assentou !

Como era triste o vel-a! assim afflicta
Junto á praia do mar,
A filha do dezerto, á nau da Europa
Dolorosa a acenar!

"Senhor! por que me déste uns braços debeis
"Se o não posso apertar, e se m'o roubam,
"Dor fatal!
"Por que me déste uns olhos para vel-o?
"Labios para beijal-o? se consentes
"N'este mal?

"Licôr d'uma palmeira que emmurchece,
"De que serve este leite agora filho,
"Já sem ti?
"De que vale esta luz que tudo inunda?
"Este céo estrellado para onde olho,
"Se o perdi?"

Longo tempo gemeu! por fim cansada
Sumiu-se n'agua; ai n'agua que mysterios
Ha tambem!
Descia a noite negra, escondeu tudo;
Assim na branda vaga ella se esconde,
Pobre mãi!

O ROSARIO

Restruge a grossa chuva,
Espalha o raio o brilho!
Da mãi erma e viuva
Nas aguas anda o filho.

Os troncos susurrando
No vendaval sonoro,
Fingem o rir d'um bando,
Finados n'algum côro.

O mar freme na vasca,
Da tétrica procella!
E aos silvos da borrasca
A mãi afflicta véla.

Eis palida se prostra
Da Virgem-Mãi diante,
Que é mãi assim lhe mostra,
Que soffre n'esse instante.

A alampada lhe accende
No ardor do temporal!
De lagrimas lhe pende
Dos olhos um ramal.

Não é, mãi, necessario
Teu voto, se amas tanto,
São contas do rosario
Aljôfares do pranto.

BAPTISMO DE FOGO

> Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicæ visitarem, curas meas aliquantulum fore levatas.
>
> EBU ZAIAT.

I

Tão novo ainda! a face macilenta,
Pendida a fronte, em meditar profundo,
Ia assentar-se triste e solitario
No promontorio á tarde. Oh quem soubera
Que mysterio lhe absorve a alma sentida!

Estende ao longe os olhos rasos d'agua
Pela extensão dos mares; que saudade
No olhar que aos céos levanta! Onda que geme,
E vem quebrar-se á salitrosa fraga,
Embala-o no murmurio somnolento.
Gélida a viração passa e fluctua
Nos cabellos revoltos. Pensativo,
Mudo contempla absorto o sol que doira
No extremo do horisonte a flor das aguas,
Vê-o sumir-se lento: é como a vida,
Quando se perde a ultima esperança:

"Eil-o o sol declinando na tangente
Do orbe! quadro esplendido da tarde!
Eil-o como o thuribulo pendente,
Que do Senhor no tabernaculo arde!

Reconcentrou-se a natureza toda
Enlevada na mystica harmonia;
Eu só, meu Deus, em mim, quando olho em roda,
Sinto o estertor de incrivel agonia!

Sempre em desgosto de continuo immerso,
De incognitos desejos devorado,
Oh, antes fosse o tumulo o meu berço,
Ou me tivesse o olvido acalentado."

Ergueu-se! a harpa sagrada em que tangia
Lançou-a em terra; a corda mais vehemente
Ao estalar, na vibração remota,
Era como o pio d'ave, quando á noite
Interrompe a mudez da umbrosa selva.
Ergueu-se! em negra tunica envolvido,
No semblante o fulgor do desespero,
Palido, á beira do insondado abysmo
Aterrado se chega! Impia vertigem.
Em baixo, sobre a rocha escura alveja
Em refluxo e fluxo a onda inquieta;
As sombras d'um crepusculo do inferno
Volteam-lhe ante a vista desvairada.
Sente um rir de ironia! quer ouvil-o,
Sobre a aresta impassivel se debruça;
Era a attração do abysmo! Fascinado

Attonito estremece. . .
Quantas vezes
Não desce á terra um anjo d'azas brancas
Para suster do sacrificio a espada!
Era Nathalia assim. Bella, apparece
Não sentida, veloz; vem dar-lhe a vida.

II

Nathalia! a filha timida da Grecia,
Pômo da vida, que fascina e tenta,
Sensitiva, que ao beijo mais de leve
Tão flascida languesce, inebriada
N'um deliquio d'amor! Rola sentida
Que geme a sós a magoa que a definha;
Anceada ao vêr o amante sobre o rocha
Debruçado, ella corre:
"Em que meditas?
Porque vens contemplar o abysmo escuro,

Quando este azul do céo é bello, immenso?
Porque foges de mim? e vens sósinho
Para as ribas do mar?"
Ella o estreita
Como hera que se enlaça á curva faia,
E do cairel do abysmo o tira anciosa.

O desgraçado nem ao menos fala!

Nem um riso d'amor, que lhe dê vida
A desbotada face! Inerte, exangue,
De estatua antiga— a doida Galathêa,—
No pedestal se encosta. Ao lado a Virgem,
Como a creação do artista encantadora,
Realçava em gentileza. A harpa quebrada
Ergue do chão e dedilhando scisma:

"Quando o Senhor envia uma alma á vida,
"Completa a essencia n'outra creatura,
"Dizendo: É triste o exilio, oh vae, procura
"Quem, para amar, comtigo foi nascida.

"E que dor! se a alma busca entristecida
"Pelo mundo o ideal d'essa ventura,
"E encontra em cada riso uma loucura,
"Em cada olhar uma expressão mentida?

"Que amor! se intima e vaga saudade
"As traz de longe, e choram de alegria,
"Como a aurora ao romper da claridade?

"Sômos assim! tu sol, eu flor, que abria;
"Eu o azul e tu a immensidade;
"Sou como harpa, não fujas, harmonia!"

O desgraçado chora só de ouvil-a!

Depoz Nathalia o sonoroso plectro:

"Porque choras assim? Oh não descreias
Do amor eterno que hei jurado! os Numes
Da Grecia antiga reneguei; não sigo
A crença de meus pais. Bem hajas, Christo!

Vês esta chlamyde alva? assim minha alma
Na fonte crystalina do baptismo
Mais candida ficou, só para amar-te.
Sou, como tu, christã. Inda o não sabe
A pobre mãe que tanto me queria.
Tudo deixei por ti; mas porque choras?
Toma este anel, o hymeneu. . ."
Graciosa,
Deu-lhe um beijo na face humedecida.

ELLE:

"Tambem sinto na vida
Do mal o estreito abraço,
Como no aberto espaço
A tempestade lida:

Se mostra o céo depois
Um arco de alliança,
Nos olhos teus, creança,
Reparo e vejo dois."

*

Ergue Florus a macerada fronte
Do pedestal de marmore. Sombrio,
Como se lhe pungisse atroz remorso,
Levanta aos céos a vista, desce-a á terra,
Toma da breve mão da byzantina
O anel de noivos, distrahido; hesita!
Não se atreve a metel-o entre seus dedos. . .
Põe-o na mão da Estatua.
Pezarosa
Nathalia, ao vêr a insólita frieza,
Com mortal palidez louca emmudece.
A dôr suffoca a lagrima insoffrida:

—"Se te lembras! que distancia
Não vai d'hoje áquelles dias
Da nossa risonha infancia!

N'esse tempo as harmonias
Da terra, do céo, do mar
Dentro d'alma não sentias?

Eu sobre a praia a brincar
Juntava conchas brilhantes,
E as conchas te vinha dar!

Os annos foram instantes,
A vida um sonho encantado;
Não podêmos ser amantes. . .
Ao menos ama o passado."—

"Impio, talvez, meu Deos, por desprezal-a!
Impio em prender-me ás illusões do mundo!
Quem te não hade amar? Eu só na vida,
Eu só não posso. Oh foge do malvado,
Que em vez do amor te mostra o impossivel.
Sou Diácono!"
O pezo da agonia
Fal-o vergar em terra!
Em seu delirio
Nathalia, alma ardentissima de Sapho,
Ondeando ao vento a chlamyde alvacenta,

Livre a madeixa no hombro alabastrino,
Abre os braços, despenha-se no abysmo.

III

Viera a noite asperrima; bramia
O mar no promontorio! Desvairado
Torna a si o levita; na memoria
Tropel de ideias vagas tumultuam.
Volta a seu tecto, e, á luz incerta e froixa
Da veladora alampada, contricto
Ora, pedindo ao céo esforço, amparo
N'aquella tentação. Por alta noite,
Quando é tudo silencio, ás horas mortas,
No leito do repouso o triste sente
Gélido braço, que lhe palpa o seio
E lhe abafa os gemidos:
"Oh não sabes
Porque vim acordar-te? eras tão bello

Adormecido assim! já me esquecias?
Sou tua esposa, vês? o anel, o mesmo
Que meteste em meus dedos insensiveis. . .
Que importa? Sou de mármor, Galathêa."

E n'esse instante o misero recebe
O abraço extremo, e sente pelas vêas
Ir-se escôando o gelo do sepulchro.

FIM.

INDEX

A minha irmã. V

PARTE ESTHETICA—*Evolução da Poesia determinada pelas relações do sentimento com a fórma.* VII

As Ceas de Nero 1

A velhice de Homero 91

Sémida 101

Na torrente de Cédron 125

A Perola de Ophir. 129

O Masthodonte. 173

A Odalisca 179

A dor do leite 183

O Rosario 187

Baptismo de fogo 189

LIVRARIA DE VIUVA MORÉ, EDITORA

BIBLIOTHECA MORÉ

VOLUMES PUBLICADOS: FORMATO CHARPENTIER

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

Amor de perdição, 2.ª edição revista pelo auctor — 1. vol. 500
Amor de Salvação, — 1 vol. 500
Doze casamentos Felizes, collecção de pequenos romances; 2.ª edição revista pelo auctor — 1 vol. 500
Estrellas Funestas — 1 vol. 500
Estrellas Propicias — 1 vol. 400
Memorias do Carcere — 2 vol. 800
As tres Irmans — 1 vol. 500
Romance d'um homem rico; 2.ª ed. com um pref. 1 vol. 500
No Bom Jesus do Monte, 1 vol. 500

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

A Mocidade de D. João V, romance historico: 2.ª edição revista pelo auctor — 3 vol . .. . 1$500

JOÃO DE ANDRADE CORVO

Um anno na côrte, romance; nova edição revista pelo auctor — 3 vol. . .. . 1$500

THEOPHILO BRAGA

Visão dos Tempos — 1 vol. (com o retrato do auctor) .. 500
Tempestades Sonoras, — 1 vol. 500
Poesia do Direito — 1 vol. (no prélo)

ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

O Bussaco e a Serra da Louzan, — 1 vol. 500

FR. FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO (O FLAVIENSE)

Dicionario Geographico de Portugal e suas Possessões Ultramarinas — Nova edição consideravelmente augmentada e reduzida á moderna divisão territorial por *Manoel Bernardes Branco* — 1 vol. 8.º 800

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

Annos de prosa, romance — 1 vol. 8.º 500
Divindade de Jesus — 1 vol. 8.º (no prélo)

JOSEPH GREGORIO LOPES DA CAMARA SINVAL

Sermões, com uma introducção por C. C. Branco — 1 vol. ..1$000

FRANCISCO SOARES FRANCO JUNIOR

O Pregador Catholico — Collecção de 24 sermões novos 1 vol. 8.º (no prélo)